



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DIEGO ASSIS DE BRITO

**EDUCAÇÃO, CULTURA E MEIO AMBIENTE:
ANÁLISE DA HISTÓRIA E CULTURA CORPORAL NA
COMUNIDADE DE DIOGO / BA**

Salvador

2012

DIEGO ASSIS DE BRITO

**EDUCAÇÃO, CULTURA E MEIO AMBIENTE:
ANÁLISE DA HISTÓRIA E CULTURA CORPORAL NA
COMUNIDADE DE DIOGO / BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de mestre em educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cecília de Paula Silva

Salvador
2012

DIEGO ASSIS DE BRITO

**EDUCAÇÃO, CULTURA E MEIO AMBIENTE:
ANÁLISE DA HISTÓRIA E CULTURA CORPORAL NA
COMUNIDADE DE DIOGO / BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de mestre em educação, pela seguinte banca examinadora:

Salvador, 30 de março de 2012

Prof^a. Dr^a. Maria Cecília de Paula Silva – UFBA (Orientadora)

Prof^o. Dr^o. Carlos Frederico B. Loureiro – UFRJ

Prof^o. Dr^o. Antônio da Silva Câmara – UFBA

Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Soares Cardel – UFBA

Prof^o. Dr^o. Miguel Angel Garcia Bordas – UFBA

A

Vida Humana, em especial a comunidade do Diogo e a comunidade acadêmica, que este trabalho sirva para quebrar as barreiras e encurtar a distância entre os conhecimentos científicos e os saberes populares.

AGRADECIMENTOS

Ao todo poderoso por energizar meu corpo, minha vida e iluminar os caminhos.

Aos meus pais, Carlito e Neyde, que proporcionaram condições decisivas na produção deste trabalho e pelo constante apoio e incentivo, e meu irmão, Nicholas, que sempre se preocupou e me apoiou neste processo.

A professora e orientadora Maria Cecília de Paula Silva, pessoa maravilhosa que foi decisiva na definição do tema e ampliação de conhecimentos referentes ao trabalho e a vida.

Ao grupo HCEL, por proporcionar momentos importantes e de grande valia no período deste estudo, destacando os que se fizeram mais presentes como Cida, Cristine, Ariany, Carol, Corrido, Priscila, Pita, Ariane, Regina, Marcio Alves, Marcio Lima, Tiagão, Lilian, Mailane, Abade, José, Gabí, Pilar, Nadine, Catugy e outros que participaram e participam do grupo, mas em especial ao parceiro Papito (Tairone).

A comunidade do Diogo, na representação de Moura, Boi, Kelvin, Elaine, Jane, Dona Graça, Dona Maruzinha, Seu Duel, Seu Cosme, Dona Francisca, Dona Martina, Seu Júlio, Seu Valdir, Seu Domingos, Edileusa, Seu Mauro, Chico Dodge, Dez, Sassá, Seu Roger e Rosana.

A Lethícia Galvão pela compreensão, companheirismo e energia positiva.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação e aos funcionários da Faculdade de Educação da UFBA, e a FAPESB.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente neste trabalho, aos amigos e familiares que não citei, mas que também tiveram uma importância neste período de minha vida.

Muito Obrigado... Yeah!

Entre os seres vivos, o ser humano se diferencia radicalmente, pois, além da capacidade de reagir ao mundo, possui a capacidade de reflexão consciente sobre essa própria ação. O ser humano é o único dotado de capacidade de reflexão metódica. Suas ações apresentam um caráter de deliberação e de intencionalidade que, a despeito do maior ou menor grau de consciência que possa refletir, não encontra paralelo com nenhum outro ser do mundo animal ou vegetal. Por isso, é entre os seres humanos, ou para as sociedades humanas, que tem sentido dizer que os homens fizeram ou fazem sua própria história.

Marcos de Carvalho (2003, p.12)

RESUMO

O presente estudo analisa as transformações e possibilidades na dinâmica histórico-social da Vila do Diogo no que envolve a sua educação, cultura, cultura corporal e meio ambiente numa perspectiva do pensamento crítico de sociedade e formação humana. Foi realizado um estudo de caso na Vila do Diogo, situada no litoral norte da Bahia, devido ao fato desta região passar por grandes e recentes mudanças. Teve o objetivo de analisar estas transformações e possibilidades dentro de uma proposta de Educação Ambiental Emancipatória, evidenciando a importância da valorização da cultura local e a necessidade da priorização de aspectos ligados as relações socioambientais nos processos de mudanças.

Palavras-chave: História, Desenvolvimento, Educação, Cultura e Meio Ambiente

ABSTRACT

The present study analyzes the changes in the dynamics and possibilities of social-historical village of Diogo in involving their education, culture, physical culture and environment of critical thinking perspective of society and human development. We conducted a case study in the village of Diogo, located on the northern coast of Bahia, because this region undergo great and recent changes. Aimed to examine these changes and opportunities within a proposed Environmental Education Emancipation, highlighting the importance of valuing local culture and the need for prioritization of aspects of social and environmental relations in the processes of change.

Keywords: History, Development, Education, Culture and Environment

RESUMEN

El presente estudio analiza los cambios en la dinámica y las posibilidades de la vida social-histórico pueblo de Diogo en la participación de su educación, cultura, cultura física y el medio ambiente de la perspectiva del pensamiento crítico de la sociedad y el desarrollo humano. Se realizó un estudio de caso en el pueblo de Diogo, que se encuentra en la costa norte de Bahía, ya que esta región sufren grandes cambios y reciente. Dirigido a examinar estos cambios y las oportunidades dentro de un proyecto de emancipación de Educación Ambiental, destacando la importancia de valorar la cultura local y la necesidad de priorización de aspectos de las relaciones sociales y medioambientales en los procesos de cambio.

Palabras clave: Historia, Desarrollo, Educación, Cultura y Medio Ambiente

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Educação “Ambiental”: por uma formação humana emancipatória	18
3. Cultura Corporal: o Corpo e a Cultura em aproximações necessárias para se pensar a Educação Ambiental	38
4. A Vila do Diogo: história, cultura e “desenvolvimento”	56
5. Considerações finais	84
6. Referências	89

1- Introdução

Este estudo compreende uma proposta de pesquisa sobre as relações existentes entre a Educação, a Cultura, o Corpo e o Meio Ambiente, na perspectiva do pensamento crítico de sociedade e formação humana. A discussão é feita sob a referência de teóricos e especialistas nos temas, e situada em uma comunidade localizada no litoral norte da Bahia, que sofre os impactos das novas formas de “desenvolvimento”, materializados pelos impactos da construção de grandes complexos turísticos – Resorts – no entorno, o que provocou e continua a provocar alterações na história e cultura, de uma região rural e invisibilizada socialmente. Destacam-se pontos como a cultura, a relação homem-natureza, corpo e território, educação e educação ambiental, trabalho e lazer, entre outros.

Trata-se, portanto, de um estudo de caso realizado *na e com* a comunidade localizada na Vila de Diogo, situada na região do litoral norte da Bahia, no município de Mata de São João. Esta comunidade nos permite fazer esta incursão por se localizar numa região de mudanças recentes, belezas naturais e interesses diversos.

A escolha por este tipo de trabalho e por esta localidade se deve a fatores diversos. Como a inserção em um projeto de pesquisa que vem sendo desenvolvido pela Universidade Federal da Bahia e pela Université de Strasbourg, inserido no programa de cooperação internacional CAPES/COFECUB, intitulado como *Interações Bioculturais e Desenvolvimento Rural Sustentável em região de Mata Atlântica: Saberes e Práticas Naturais, mobilidades dinâmicas territoriais* e, de forma mais específica, parte da pesquisa: *Educação, Cultura Corporal e Meio-Ambiente: uma história tecida com os artesões de Diogo e Santo Antônio*.

Esta escolha se justifica, igualmente, pela minha trajetória no espaço universitário e acadêmico, que foi sendo direcionado pela temática das relações com a vida e a cultura de comunidades rurais em suas ações e relações com a cultura corporal e o ambiente.

No período da minha graduação no curso de Educação Física da Universidade Federal da Bahia entrei em contato com experiências e pessoas extremamente diferentes e interessantes, sejam projetos, militâncias, grupos, estudantes, professores e outros servidores, que me enriqueceram de conhecimentos e vivências.

Particpei de movimentos e grupos políticos, de projetos e pesquisas de iniciação científica, do diretório acadêmico dos estudantes e etc. Considero este período como uma nova fase na minha vida, uma etapa em que procurei aproveitar não só o que uma graduação em Educação Física poderia me fornecer, mas sim tudo o que uma universidade pública lhe possibilita, reconhecendo e valorizando a minha situação privilegiada em fazer parte dela.

Particpei do movimento estudantil e de projetos em comunidades. Entre eles, destaco o projeto *Tecnologias Apropriadas para Agricultores Familiares em Biomas do Estado da Bahia*, apelidado de *Ecofamília*, sendo um projeto de ensino, pesquisa e extensão universitária, financiado pelo CNPQ, do qual particpei como bolsista por cerca de um ano junto com mais 19 bolsistas e mais alguns professores de diferentes áreas do conhecimento. Atuamos no município de Monte Santo no interior da Bahia e envolvia uma proposta de transição de agricultores familiares para um paradigma agroecológico, ou seja, um trabalho que envolvia uma grande proposta de transformação e atuação dentro do campo da Cultura, Educação e Meio Ambiente.

Com estes trabalhos e projetos, juntamente com a militância política e crítica ao modelo societário, cresceu um interesse acadêmico mais avançado no que envolve a relação do ser humano com a natureza e também por trabalhos com comunidades. Ao finalizar minha graduação, desenvolvi uma especialização cuja monografia teve o tema voltado para a relação Esporte e Meio Ambiente.

O presente trabalho dissertativo se caracteriza como um trabalho de continuação desta trajetória de estudos e que pretende defender uma proposta de Educação Ambiental em uma perspectiva crítica de sociedade, compreendendo a totalidade e complexidade das relações socioambientais, na busca de apontar novas possibilidades e relações. A escolha pela comunidade de Diogo se dá não só pela oportunidade de saída de um contexto hegemônico de dinâmica sociocultural e de relação com o ambiente, evidenciado nas metrópoles, mas também pelas características que envolvem a própria região como um todo.

Diogo está localizada na faixa litorânea do município de Mata de São João na Bahia, na Costa dos Coqueiros, onde se desenvolve as margens do rio Imbassaí e ainda tem a proximidade com o mar. É uma vila que transmite um sentimento de tranquilidade e desfruta de uma beleza natural privilegiada, de matas virgens e

pouco povoada, junto ao rio e ao mar, com suas particularidades culturais, destacando características ligadas à pesca e ao artesanato com palha. Porém, tudo isso acontece dentro de uma região de resorts e de um crescimento turístico muito grande e recente, próximas a complexos hoteleiros como a Costa de Sauípe, por exemplo, tornando-se uma região muito cobiçada, internacionalmente inclusive, e fortemente impactada por interesses econômicos e políticos diversos. O litoral norte da Bahia vem passando por mudanças significativas nas últimas décadas, devido a interesses político-econômicos de exploração desta região que se materializaram, principalmente, com a construção da estrada Linha Verde e a instalação destes complexos turísticos.

Certamente, este crescimento do turismo e de interesses diversos, e quando estes complexos hoteleiros se ergueram, eles influenciaram e/ou fizeram desaparecer ambientes, lugares, culturas, memórias e histórias. E, será que houve e/ou há alguma preocupação com estes ambientes, culturas, memórias e histórias destes lugares? Quais os impactos causados nas vidas de populações inteiras a partir desta alteração ambiental, cultural e histórica? Como estas ações repercutem na educação destas populações? A provável devastação ambiental presente na área consegue apagar os traços culturais, ambientais, históricos e a economia local de certas comunidades? Como será que esta cultura se entrelaça na vida das pessoas das comunidades próximas a estes grandes conglomerados turísticos? Qual o preço disso para a vida e para o ambiente?

É com essa necessidade de respostas, de uma pesquisa que envolva a complexidade e totalidade das relações existentes na região, particularmente em Diogo, e fazendo as articulações das questões particulares com as questões mais gerais, é que realizamos este trabalho dentro de uma análise na perspectiva de uma educação ambiental que poderia ser considerada *crítica*, ou *transformadora*, ou *histórica*, dentre outras nomenclaturas, mas que estamos classificando como *emancipatória*, fundamentados em Loureiro (2006), que entende o emancipar como a possibilidade crítico-reflexiva de construção de caminhos mais adequados à vida social e planetária, não estabelecendo um caminho único para uma “salvação”, mas compreendendo e produzindo patamares diferenciados de existência.

No âmbito do que chamamos de *Educação Ambiental emancipatória*, poderíamos incluir outras denominações como sinônimo ou concepções

similares: Educação Ambiental crítica; Educação Ambiental popular; Educação Ambiental transformadora. Nesse sentido, apresentamos ao longo de todo o texto, como fundamentos estruturantes da Educação Ambiental e da análise feita, as categorias conceituais *emancipação* e *transformação social*, para que fique explícito que não estamos falando de uma Educação Ambiental genérica, de um conjunto de conceitos que servem indistintamente para qualquer atividade que se autodenomine como Educação Ambiental. Discorremos sobre premissas que definem uma determinada forma de vê-la no seu devir em sociedade, com atribuições e corpo teórico próprios, inseridas dinamicamente e conflituosamente no escopo do que vem se caracterizando como ambiental ou ecológico nas ciências, na atividade social e política, nas artes ou em qualquer outra manifestação humana, buscando hegemonia como qualquer outra tendência. (LOUREIRO, 2006, p. 33-34)

Assim sendo, e entendendo que é diretamente por meio do corpo que os seres humanos se relacionam com o mundo, identificamos como objeto deste estudo a dinâmica histórico-social envolvendo a educação, cultura, cultura corporal e meio ambiente na comunidade do Diogo/BA. E, considerando o fato de se tratar de uma tendência crítica de análise, reconhecemos como uma pergunta a ser respondida: Quais as transformações e possibilidades na dinâmica histórico-social recente da Vila do Diogo no que envolve a sua educação, cultura, cultura corporal e meio ambiente?

Levamos previamente como uma possibilidade à idéia de que existem grandes impactos econômicos, sociais, estruturais, culturais e ambientais na região do litoral norte como um todo, e que a Vila do Diogo é influenciada diretamente neste contexto, sendo que, apesar de um aparente crescimento econômico, estes impactos provocam transformações de modo geral negativas nas relações socioambientais e culturais da comunidade, onde muitas delas são de forma irreversível.

Levamos em consideração a totalidade e complexidade na qual está inserida a vila, algumas contradições ali postas, perspectivando um movimento em direção a uma emancipação humana, buscando compreender as várias relações e influências que a comunidade dialeticamente se envolve, registrando pontos positivos considerados pela população local.

Temos o objetivo, portanto, de analisar na perspectiva de uma Educação Ambiental Emancipatória as transformações e possibilidades na dinâmica histórico-social da Vila do Diogo no que envolve, principalmente, a sua educação, cultura,

cultura corporal e meio ambiente. Evidenciamos a importância da valorização da cultura local e a necessidade da priorização de aspectos ligados as relações socioambientais nos processos de mudanças.

Fundamentamos este estudo no método materialista histórico dialético como o mais adequado e capaz de atender a nossos objetivos, pois como afirma Tozoni-Reis (2004), o mundo é dialético (movimenta-se e é contraditório) e é preciso um método que consiga servir de instrumento para a sua compreensão, e esse instrumento é o método dialético, como pensou Marx.

Partimos da realidade, estabelecendo as relações dialéticas das partes com o todo, não desvinculando as ações humanas dos seus processos históricos. Buscamos conhecer a região estudada ao máximo de relações possíveis de serem feitas dentro do proposto, na complexidade das relações socioambientais existentes, na história e registros da comunidade, realizando uma espécie de diagnóstico que nos permitirá uma clareza e uma visualização geral do trabalho.

A análise da educação, e da educação ambiental, coloca a necessidade de conhecer os mais variados elementos que envolvem as práticas educativas, a necessidade de compreendê-la da forma mais refletida possível. Pode-se fazer isso com um método, um caminho que permita, filosófica, social e cientificamente, compreender a educação e a educação ambiental. E, se a lógica formal, porque é dual, separando sujeito-objeto, foi mostrando-se insuficiente para essa tarefa, parece possível buscar no método materialista histórico-dialético esse caminho. (TOZONI-REIS, 2004, p. 15)

Esse levantamento diagnóstico, ao mesmo tempo em que nos permite conhecer melhor a região e seus moradores, possibilita uma interação e uma aproximação necessária com a comunidade no intuito de uma articulação entre aspectos objetivos e subjetivos que facilita o trabalho na medida em que, além dos conhecimentos e dados levantados da realidade, estamos entrando e atuando no cotidiano das relações existentes, conversando com os moradores mais antigos, o que possivelmente nos permite, dentro de um processo dialético e natural, uma conquista do respeito e confiança que são fundamentais no processo de desenvolvimento da pesquisa de campo.

O diagnóstico visa conhecer as condições históricas, sociais, ambientais e culturais dos moradores de acordo com o território e bioma em que estão inseridos, observando a realidade da comunidade, avaliando seus problemas, analisando as

diferentes formas de existir, suas práticas corporais, e buscando compreender e valorizar sua cultura (utilizaremos a leitura de paisagem, a observação participante, entrevistas e questionários como instrumentos).

Para concretizar essas características na pesquisa nos inserimos no dia-a-dia das comunidades, mesmo que por vezes de forma temporária e outras mais duradouras, dialogando com as pessoas, fazendo entrevistas, observando a paisagem e as relações humanas no que envolve os aspectos pessoais, profissionais, com o ambiente, relações de poder e etc. Além da utilização de outras técnicas e estratégias que se articulam e se complementam, algumas previamente programadas e outras que irão ser desenvolvidas e reelaboradas ao longo do trabalho de acordo com a necessidade e possibilidades de aplicação.

O trabalho de campo é, portanto, uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente. São as perguntas que fazemos para a realidade, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformados em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação e de compreensão. Por tudo isso, o trabalho de campo, além de ser uma etapa importantíssima da pesquisa, é o contraponto dialético da teoria social. (MINAYO, 2010, p.76)

Algumas das problemáticas significativas identificadas na vila, registrada em forma de relatos, entrevistas e documentos, procuramos trabalhar com o tempo vivo da memória de sua população. Esta inserção possibilita conhecer as memórias do tempo, do espaço, a memória do trabalho e do lazer, a memória política dos velhos moradores das comunidades, visando desdobrar e alargar os horizontes da cultura e junto dela do povo do local, dos pesquisadores e da sociedade.

A vivência, rememoração e resgate da cultura pretendem considerar e dar a devida relevância aos conhecimentos acumulados pelas populações locais em sua organização, gestão, produção da vida e lazer.

O contato com a comunidade, as conversas e a inserção no cotidiano, se torna fatores importantes no processo da pesquisa. Até porque, esta pesquisa e a educação em geral são feitos na relação com o outro, compreendendo e respeitando a identidade e individualidade deste outro, ainda mais na perspectiva de educação ambiental em que defendemos a formação de sujeitos históricos e emancipados.

Assim, o primeiro capítulo esclarece a perspectiva de Educação Ambiental defendida, como ela se diferencia de outras tendências, apontando e evidenciando a necessidade de uma Educação Ambiental articulada a uma proposta educacional geral e a formação de sujeitos na busca da transformação e emancipação humana.

No segundo capítulo, abordamos as relações entre a Cultura e o Corpo, e de como se caracteriza a Cultura Corporal, destacando como as relações humanas, corporais e ambientais estão imbricadas, e se tornam extremamente relevantes para a compreensão de uma Educação Ambiental Emancipatória.

O terceiro capítulo apresenta o desenvolvimento do trabalho de campo, uma análise do movimento da história da Vila do Diogo, sua cultura, cultura corporal, caracterizações, dificuldades, possibilidades e articulações dentro do processo de mudanças e “desenvolvimento” que vem sofrendo.

Por fim, trazemos nossas considerações finais, envolvendo análises acerca da perspectiva de Educação Ambiental defendida, das relações feitas e dos resultados da pesquisa desenvolvida na comunidade.

2 - Educação “Ambiental”: por uma formação humana emancipatória

O tema *Educação Ambiental* tem sido bastante utilizado, trabalhado e debatido na atualidade devido à importância que vem assumindo, principalmente nos últimos anos, por consequência da problemática ambiental refletida em situações de catástrofes e fenômenos naturais anormais, pelo desequilíbrio ecológico, mudanças climáticas e etc. Questões que há alguns anos atrás não seriam preocupantes ou até impensadas pela maioria da população, são fatos e acontecimentos que causam desconfortos e preocupações sobre as pessoas e suas rotinas, e podem comprometer as condições de sobrevivência da vida humana e da vida de modo geral.

É por volta das décadas de 60 e 70 que se iniciam de forma mais evidente as mobilizações ecológicas, juntamente com o surgimento e crescimento de movimentos sociais, e assim acontece o aumento e aprofundamento das produções científicas e dos debates a cerca do tema. Diante disso, acontecem fóruns, conferências e eventos a nível mundial para discussão e proposição de resoluções sobre a problemática ambiental, porém diante das variadas perspectivas e concepções defendidas sobre as questões apresentadas acabam definindo posições generalistas, pontuais e de pouca aplicabilidade na prática. Contudo, nestes espaços, apesar das diferentes abordagens sobre essas questões, as discussões sempre apontam para a necessidade de políticas públicas de educação ambiental e sua importância dentro das questões ambientais mais amplas.

Dentre os encaminhamentos e princípios resultantes destes eventos, buscou-se de um modo geral uma educação para o uso mais equilibrado dos recursos, um crescimento econômico com controle ambiental como forma de uma nova ética global, o chamado “desenvolvimento sustentável”, a interdisciplinaridade dos currículos e outros. No entanto, apesar de poder ser considerados avanços num debate maior, estes princípios são construídos e defendidos geralmente dentro da mesma lógica societária, onde essas medidas exigem custos e prioridades, portanto não foram e não estão sendo aplicadas da forma necessária devido a vários fatores, mas principalmente devido à incompatibilidade com a própria lógica dominante (capitalista) que prioriza os aspectos econômicos em detrimento de qualquer outro.

Com isso surgem alguns questionamentos que são necessários de serem minimamente pensados antes de prosseguir falando sobre o assunto, onde muito se fala na relação do ser humano *na* natureza ou do ser humano *com* a natureza, se ele é natureza ou se é diferente dela, dentre outras várias interpretações que percebemos normalmente em debates, leituras e etc. referente a essa relação e a própria Educação Ambiental, e que muitas vezes costumam confundir e provocar questionamentos como estes: *Como é que se dá a relação homem-natureza? E o que é mesmo Educação Ambiental? Para que serve? O que se trabalha na Educação Ambiental? Qual a diferença quando se fala em Educação e Educação Ambiental?*

Essas perguntas surgem e ganham importância na medida em que percebemos uma diversidade de concepções diferenciadas sobre o assunto, contradições e posturas muitas vezes até opostas sobre esse mesmo tema, e, de certa forma, uma pressão mundial sobre sua relevância. Porém, apesar da dita importância assumida, a problemática ambiental e a educação ambiental vêm sendo discutida e até aplicada dentro deste mesmo modelo de sociedade em que não se prioriza a vida, mas sim os aspectos econômicos (o lucro), onde existem vários interesses envolvidos e defendidos. Destaco isso porque a relevância maior assumida se deve ao fato da problemática ambiental interferir direta e/ou indiretamente nas formas de vida do planeta, principalmente na vida humana, pois não vivemos e/ou sobrevivemos sem a natureza ou fora de algum ambiente.

O ser humano não nasce humanizado, ele nasce da espécie humana (*homo sapiens*), mas vai se humanizando, se tornando homem, na sua relação com a realidade material, objetiva, com a natureza, através do processo dialético das relações inter-pessoais e intra-pessoais, seguindo nessa dinâmica da vida entre o objetivo e o subjetivo, o material e o espiritual, sendo tudo isso mediado pela práxis humana. Portanto, explicamos e compreendemos o ser humano como um ser social, cultural, e não simplesmente biológico, pois ele nasce *homo sapiens*, e tem as características biológicas da espécie independentemente de qualquer coisa, porém ele somente vai se tornar homem, da forma como nos compreendemos e nos diferenciamos dos outros animais, através do seu processo de desenvolvimento e aprendizagem sócio-cultural ao longo da sua história.

O fato de ser da espécie humana por si só não garante o desenvolvimento do homem enquanto ser social, pois essas características não são transmitidas hereditariamente, mas através das relações sócio-ambientais e, principalmente, pela cultura e educação que assumem e expressam as possibilidades e responsabilidades de transmissão do desenvolvimento histórico acumulado, de geração em geração, das mais variadas formas, refletindo a dialética da vida nas relações históricas entre os homens e com a natureza através das condições e determinantes que envolvem as esferas do singular, do particular e do mais geral que compõem esse cenário.

A relação dos seres humanos com a natureza não pode ser compreendida de forma fragmentada, como se a natureza fosse como algo estranho ao homem, pois é justamente nessa relação é que ele humaniza-se, que consegue criar as condições para se desenvolver enquanto um ser social. Até porque o homem faz parte da natureza e está envolvido nessa totalidade, satisfazendo suas necessidades, utilizando-a de acordo com seus interesses, relacionando-se, e nesse processo vai modificando e se modificando também, criando novas condições, novas relações, experimentações, sensações, e estimula não somente o intelecto, mas o corpo como um todo, que se desenvolve através desse viver.

O homem é parte da natureza, mas não se confunde com ela (...) o homem diferencia-se da natureza, já que usa a natureza transformando-a conscientemente segundo suas necessidades e, nesse processo faz-se homem. (...) A simples compreensão da natureza não leva à compreensão do homem, mas, ao mesmo tempo, a compreensão do homem implica necessariamente a compreensão de sua relação com a natureza, já que é nessa relação que o homem constrói e transforma a si mesmo e a própria natureza. (MARX apud TEIXEIRA, 2006, p.18)

A natureza existe independente do homem, desde antes do surgimento do ser humano, e é por isso que não se consegue compreendê-lo através somente da análise dela, mas para compreender o ser humano é fundamental analisar a sua relação com a natureza, pois ele não independe dela, só existe através dessa relação. Apesar de fazer parte dela, ele se diferencia da natureza, humaniza-a, dá características humanas de acordo com seus interesses e sua capacidade de planejamento e reflexão metódica. Este também se constitui em um diferencial dos outros seres vivos e que lhe permite “dominar”, de certa forma, a natureza e poder construir a sua própria história, atuar no seu próprio processo sócio-cultural e

ambiental. Vale destacar o fato desta construção histórica não necessariamente se apresentar como algo sempre positivo, pois ao longo da história da humanidade existiram e existem períodos e acontecimentos em que são marcados por uma exploração extremamente agressiva do homem pelo homem (a escravidão e o nazismo, por exemplo) e do homem com a natureza externa (a revolução industrial, desmatamentos e etc.).

O homem é natureza, ele atua nela e com ela. Com isso, alguns fenômenos que acontecem no meio ambiente muitas vezes são provocados pela relação homem-natureza, contudo não devemos desconsiderar os ciclos naturais e a própria dinâmica complexa da vida. A natureza possui uma variabilidade natural, ela é dinâmica, e o ser humano pode contribuir neste processo de variação, alterando e/ou acelerando alguns desses processos, e isso não se dá somente de uma forma individualizada, mas principalmente de forma coletiva, através da relação sociedade-natureza. Portanto, as formas de organização social que condicionam o modo de como os homens se relacionam entre si e conseqüentemente com a natureza, como organizam a vida em sociedade, está atrelada e influencia na dinâmica natural. A história social faz parte e compõe a história natural.

O homem se relaciona com a natureza através da sua atividade prática, o trabalho, movida por uma necessidade ou interesse, e é nessa relação com a natureza e com os outros seres humanos é que se produz a cultura. Quando falamos de trabalho nesta perspectiva, não nos referimos ao termo elaborado e conceituado nas relações capitalistas, mas como afirma Goellner (1992) e Kuenzer (1998):

Quando nos referimos ao trabalho, consideramos não a visão estigmatizada que o liberalismo instituiu, mas o trabalho enquanto potencial criador, necessidade psíquica e principal forma de atividade humana, que configura-se na mediação do indivíduo com a natureza, sendo determinante no desenvolvimento da sociedade. (GOELLNER, 1992, p.288 e 289)

(...) a concepção de trabalho em geral, enquanto práxis humana, material e não material, que objetiva a criação das condições de existência, e que portanto não se encerra na produção de mercadorias, e a concepção de trabalho para produzir mais-valia, forma histórica específica que assume no modo de produção capitalista. (KUENZER, 1998, p.55)

Na sociedade capitalista as relações entre o ser humano, a natureza e o trabalho acabam sendo diretamente influenciada por aspectos econômicos dentro de uma competitividade exacerbada, base estrutural característica desse sistema atualmente vigente. Onde a acumulação de riquezas torna-se um aspecto hegemônico nas relações estabelecidas, quando então se torna um fato “normal” explorar a natureza e os homens para atender as necessidades deste sistema ou para a sobrevivência nele, priorizando o lucro e a acumulação de capital, e não as necessidades básicas da vida humana.

O modo societário em que os seres humanos se organizam provoca contradições no que envolve o próprio sentido de ser humano. O capitalismo se fundamenta no aspecto econômico, na busca do acúmulo e troca de capital, fato este que acarreta em dicotomias e desigualdades entre os homens e na sua relação com a natureza. Assim sendo, os homens não se apresentam iguais diante da natureza, pois os que possuem um maior capital e/ou de alguma forma adquirem um maior poder dentro da lógica das relações capitalistas assumem posições privilegiadas, superiores, no processo produtivo que envolve o trabalho. Sendo que compreendemos o trabalho como atividade humana de mediação dos indivíduos com a natureza que objetiva a criação das condições de existência.

Nesta sociedade o trabalho apresenta contradições diante da sua relação com o capital, fundamentando-se na divisão social do trabalho, na propriedade privada dos meios de produção e na exploração da força de trabalho, ou seja, existem aqueles que possuem os meios ou instrumentos de trabalho e aqueles que não possuem e são subordinados por isso, existem aqueles que mandam e aqueles que obedecem. É dessa forma, por exemplo, neste contexto de relações de poder e desigualdade social, que identificamos a existência de classes distintas e uma luta de classes.

A contradição existente na relação entre Trabalho e Capital remete a conseqüências que interferem nas diversas dimensões humanas, como na forma de se relacionarem uns com os outros, com a natureza, na forma de pensar e de viver, influenciando, portanto, na sua cultura. Assim, características como o individualismo, uma competitividade exacerbada e até uma falsa dicotomia entre homem e natureza, se expressam na forma cultural dominante e globalizada, contribuindo para o fortalecimento de uma relação desintegrada e destruidora do homem perante a natureza.

É nessa condição histórica que a relação sociedade-natureza no capitalismo se vem apresentando: como desintegrada, desequilibrada e predatória. Podemos concluir, então, que no processo de objetivação e apropriação dos homens *na* natureza eles perdem a si próprios (alienação) e constroem uma relação também alienada, desintegrada com a natureza. (TOZONI-REIS, 2004, p.43)

Dessa forma, com a divisão de classes e as características deste modo de produção, baseada no poder econômico, diferencia-se os homens também na forma de aquisição da própria cultura, como aborda Léontiev:

Ao mesmo tempo que se assiste à concentração das riquezas materiais entre as mãos da classe dominante, assiste-se a uma concentração da cultura espiritual. Embora as criações desta última pareçam existir para todos, apenas uma íntima minoria dispõe dos tempos livres e das possibilidades materiais necessárias para a obtenção da instrução desejável, para enriquecer sistematicamente os seus conhecimentos e para se entregar à arte. A imensa maioria da população, sobretudo nos campos, tem de se contentar com o mínimo do desenvolvimento cultural necessário para a produção dos valores materiais no quadro das funções de trabalho que lhe foram atribuídas. (LÉONTIEV, 1977, p.64-65)

Diante desta realidade contraditória de globalização econômica e fragmentação da vida social, das diferenciadas formas de apropriação e acesso aos bens culturais, da desigualdade social e da luta de classes, surgem também diferentes formas de se manifestar culturalmente que expressam essa totalidade e complexidade de relações de oposições, ideologias, enfrentamentos, imposições, sobrevivência e resistência. Estas formas não são desarticuladas ou completamente separadas, estão inseridas nas relações dialéticas da vida social, mas subentende-se uma dualidade entre uma possível cultura popular, ou cultura de resistência, ou cultura de massa, em contraposição a uma cultura hegemônica, ou cultura dominante, ou cultura erudita. As diferenciações dos termos não expressam necessariamente os mesmos sentidos e significados, apesar de pertencerem a um “mesmo lado” nesta dualidade ou oposição.

Pode-se afirmar que uma está diretamente atrelada ao perfil, modos e hábitos que caracterizam a classe dominante, aos modos burgueses e sua produção cultural, assim como a outra está para a classe dominada, aos proletários, os trabalhadores que representam uma maioria populacional, mas que são privados do acesso aos bens materiais e espirituais de interesse da outra classe, porém vivem e sobrevivem criando e recriando outros hábitos, símbolos e modos culturais diante de suas necessidades, interesses e até como uma forma de resistência e/ou negação

dessa outra forma cultural que muitas vezes se impõe de acordo com os interesses burgueses.

A cultura passa a ser, a partir desse viés, um campo de significação e um terreno de luta, nos quais os processos de identificação se dão de acordo com as necessidades históricas dos sujeitos que compõem os grupos protagonistas desses processos. A luta de classes não terminou, e se expressa, no âmbito da cultura, de forma nítida e inequívoca. (ABIB, 2005, p.47)

Estas formas diferenciadas de entendimento e posicionamento cultural também se diferenciam no modo como as pessoas se relacionam entre si, ou como compreendem e se relacionam com a natureza e a sociedade, conseqüentemente assumindo posturas e práticas relacionadas a partir desses entendimentos diante de seus contextos individuais e coletivos, atuando assim nos bairros, nas comunidades, nas cidades, estados, nas políticas, no mundo e na vida de modo geral. Dentro deste entendimento, muitos autores, como Martín-Barbero (1997) e Abib (2005), defendem a existência de uma ligação direta entre classe social e a experiência para sua compreensão, principalmente quando se fala da classe trabalhadora ou popular (cultura de resistência), evidenciando a complexidade existente nestas estratégias de vida, como explica Harries, onde destacamos do texto de Abib:

Proletarização é um processo objetivo, significando uma dependência crescente da venda da força-de-trabalho para a sobrevivência; mas é também um processo subjetivo, uma experiência que é construída pelas pessoas de uma forma específica a qual é expressa em formas diversas e concretas. Consciência de classe não foi apenas estruturalmente determinada pela economia política, mas foi também herdada, construída e adaptada pelos indivíduos que desejam dar um significado e ordem às suas vidas. (HARRIES Apud ABIB, 2005, p. 46)

A cultura é uma produção humana, fruto das relações humanas em seus territórios e no mundo, onde são criados os símbolos culturais, as linguagens, os hábitos e costumes. Assim sendo, percebemos que os modos culturais variam e se diversificam de acordo com as diferentes localidades, pois as condições ambientais e históricas que se apresentam aos homens “determinam” as atividades, as dificuldades e desafios, os conhecimentos desenvolvidos, os instrumentos, e influenciam nas formas de convivência e interações sociais praticadas que vão se consolidando e ao mesmo tempo se alterando ao longo dos seus processos históricos específicos. Tudo isso se torna perceptível nas formas de falar e se comunicar, no comportamento, nas roupas, nas danças, na forma de caçar e/ou

pescar, no trato com a terra, nas brincadeiras e brinquedos, nas lutas, no relacionamento com as famílias e com o ambiente em que vivem, dentre várias outras formas de expressões e/ou manifestações culturais.

A comunidade de Diogo, por exemplo, por estar situada numa faixa litorânea, uma região de calor e com fácil acesso ao rio e ao mar, desenvolve historicamente suas atividades sócio-produtivas e sua relação com o ambiente em torno dessas características. Têm na pesca, no artesanato em palha (matéria prima típica da região) e atualmente no turismo as suas atividades econômicas principais. Acabam também condicionando seus hábitos, costumes, brincadeiras e práticas corporais em geral de acordo com as características territoriais, onde podemos perceber, dentre outros, nos tipos de roupas utilizadas, nas relações pessoais, nas festas e através da identificação dos esportes mais praticados: futebol e surf.

Essas relações culturais e específicas de cada território e/ou grupos fortalecem laços humanos, criam identidades, influenciam valores, produzem modos particulares de viver e de agir que formam novos processos culturais que se manifestam de acordo com as características próprias do seu surgimento, o que a depender da força assumida por essas características diante dos seus processos históricos particulares podem se “enraizar” de tal forma a se expandir ou criar mecanismos de resistência aos condicionantes externos. Esse tipo de direcionamento ou característica vai assumindo um sentido diante de como as condições objetivas em seus determinados contextos históricos vai se apresentando, e expressam à dialética e contradições da vida social.

Toda essa complexidade de relações está em todo tempo articulada em suas esferas singulares, particulares e mais gerais que envolvem a totalidade da vida humana, considerando os aspectos comunitários, sociais, econômicos, políticos, ambientais, simbólicos, ideológicos e etc.. Portanto, neste “arcabouço” cultural devem ser consideradas, além da subjetividade humana sempre presente nas relações humanas e que complexificam ainda mais qualquer explicação particularizada, às condições objetivas condicionantes do tipo de relação do homem com a natureza, como o modo de produção vigente.

Mesmo com as diferenciações e particularidades das manifestações culturais, quando tentamos categorizá-las por isto, precisamos compreender que fazem parte de um contexto maior que as influenciam, inclusive algumas vezes para ser

justamente uma possível oposição, pois somente assim o são porque existe uma outra para se opor ou para resistir ou até para dominar.

Pretendemos evidenciar com isso que a aparente fragmentação bem definida, na verdade, expressa a diversidade da vida, da realidade, existe uma ligação e articulação direta mesmo sobre a base material capitalista, mas que se coloca em oposição ou enfrentamento diante do contexto desigual e competitivo no qual está inserido. Sendo que as manifestações culturais refletem seus contextos, ambientes e processos subjetivos de surgimento e desenvolvimento, portanto, não é que exista uma boa e outra ruim, mas sim uma realidade histórica complexa que as envolve e influencia, e que precisa ser analisada e considerada.

Com isso não defendemos uma homogeneização como costumam fazer no processo de globalização, pelo contrário, mas destacar a importância das diferenças, das disputas e da diversidade, e de como elas influenciam e são influenciadas na complexidade das relações humanas, nas manifestações culturais, nos embates políticos e ideológicos, na relação homem-natureza, nas contradições e possibilidades dialéticas de superações, e evidenciar, principalmente, o modo como a organização social capitalista exerce uma influência, muitas vezes determinante, nas nossas vidas.

Compreendemos uma relação de indissociabilidade entre indivíduo-cultura-sociedade-espécie, como aborda este trecho de Morin:

As interações entre indivíduos produzem a sociedade, que testemunha o surgimento da cultura, e que retroage sobre os indivíduos pela cultura. Não se pode tornar o indivíduo absoluto e fazer dele o fim supremo desse circuito; tampouco se pode fazê-lo com a sociedade ou a espécie. [...] a sociedade vive para o indivíduo, o qual vive para a sociedade; a sociedade e o indivíduo vivem para a espécie, que vive para o indivíduo e para a sociedade. [...] é a cultura e a sociedade que garantem a realização dos indivíduos, e são as interações entre indivíduos que permitem a perpetuação da cultura e a auto-organização da sociedade. (MORIN *Apuđ LOUREIRO*, 2006, p.102)

Portanto identificamos a necessidade de mudanças culturais dentro de um processo maior de transformação e mudança do modo societário e, apesar de não considerar a educação por si só como a salvadora do planeta, reconhecemos nela, e particularmente na educação ambiental, um papel fundamental neste processo necessário de transição e revolução.

Quando falamos de educação ambiental estamos falando essencialmente de educação, pois ela não é ensinada ou trabalhada para plantas ou bichos, mas sim para seres humanos em sua relação com a natureza, com a vida, com o mundo. Trata-se de questões objetivas e subjetivas diante da problemática ambiental, fruto de explorações, prioridades e interesses diversos que se caracterizam enquanto uma relação destrutiva do ser humano com o ambiente. Portanto, falar de educação ambiental é falar do modo como o ser humano se organiza estruturalmente em sociedade, e conseqüentemente da sua cultura específica e suas relações com outras culturas, de como se relacionam com os outros seres humanos e com o ambiente em que vivem, compreender quais as suas reais necessidades e prioridades para que a partir disso se possa planejar um trabalho educativo com uma base concreta na realidade, para poder assim realizar uma práxis transformadora de um ser humano enquanto espécie, indivíduo, cultura, natureza e sociedade.

Com isso pretendemos ressaltar a necessidade e a importância de se trabalhar a vida na prática, atuando nas particularidades, mas dentro da sua complexidade e totalidade. Buscando assim entender e problematizar a realidade local e suas relações mais gerais, pois uma região considerada desenvolvida e urbana vai ser bem diferente de outra considerada rural, ou litorânea, ou desértica e etc., mas por mais diferentes que sejam, ou pareçam ser, elas não estão isoladas do mundo e das relações sócio-ambientais e suas conseqüências, mesmo que fique mais evidente em algumas do que em outras. Ou seja, deve-se trabalhar o ser humano no mundo e com o mundo, abarcar as várias influências externas e subjetivas da relação com a natureza, problematizando e propondo possíveis superações nesta relação.

Portanto, concordamos com Loureiro quando tenta definir o que é Educação Ambiental:

Logo, no presente texto, a Educação Ambiental é, por definição, apontada como portadora de processos individuais e coletivos que contribuem com: (1) a redefinição do ser humano como ser da natureza, sem que este perca o senso de identidade e pertencimento a uma espécie que possui especificidade histórica; (2) o estabelecimento, pela práxis, de uma ética que repense o sentido da vida e da existência humana; (3) a potencialização das ações que resultem em patamares distintos de consciência e de atuação política, buscando superar e romper com o capitalismo globalizado; (4) a reorganização das estruturas escolares e dos

currículos em todos os níveis do ensino formal; e (5) a vinculação das ações educativas formais, não formais e informais em processos permanentes de aprendizagem, atuação e construção de conhecimentos adequados à compreensão do ambiente e problemas associados. Em síntese, uma práxis educativa que é sim cultural e informativa, mas fundamentalmente política, formativa e emancipadora, portanto, transformadora das relações sociais existentes. (LOUREIRO, 2006, p.31)

Compreendendo desta forma seria possível até questionar o termo “ambiental” junto ao termo “educação”, no sentido de que nenhuma educação acontece fora de um ambiente. Porém, como afirma o próprio Loureiro (2006), o uso deste termo pode ajudar a esclarecer e evitar possíveis equívocos e distorções que poderiam limitar e desviar as discussões, além de evidenciar dimensões deficitárias dentro dos processos educativos mais gerais e revelar as dicotomias presentes. Destacando também que a permanência dos termos se torna um posicionamento específico, político e ideológico, assim como a existência de variadas compreensões do significado do que é ambiente e do que é educação no movimento ambientalista e educacional.

Dentro da ampla mobilização ambientalista se expressam as diversas visões de mundo em torno da questão ambiental. Estas formas de ver o mundo são influenciadas, principalmente, pela luta de classes e seus interesses defendidos, onde, por exemplo, os que defendem a manutenção do sistema de produção (capitalista) acabam buscando “mascarar” o problema em sua totalidade, além de responsabilizar temáticas e problemáticas, como o caso do consumismo, para desviar a atenção do problema real.

(...) o amplo movimento ecológico deste final de século não é composto só por correntes críticas do modelo industrial. Há, ainda, entre os chamados “defensores” da natureza, aqueles cuja preocupação maior é exatamente a inversa, isto é, com a sobrevivência dos atuais esquemas de produção. Por isso alardeiam apenas o que se passa com uma “natureza” da qual excluem o homem, já que a principal questão aí não é a contestação destes esquemas produtivistas, mas a defesa de uma fonte de lucros, em parte ameaçada pelo esgotamento daquilo que chamam de “recursos naturais”. Daí a insistência em responsabilizar de modo isolado o consumismo, e não a forma de produção, pelo que se passa com a natureza, pois todos nós, sejamos beneficiados ou não por esta situação, somos também genericamente consumidores.

Desta socialização forçada de responsabilidades é que surge a idéia de “homem abstrato” que destrói e explora a natureza, da qual hoje tanto se fala e na qual, muito de nós, com ingenuidade, “embarcamos”. Na verdade trata-se de uma “cortina de fumaça” que impede as pessoas de verem um pouco além das paisagens degradadas, ou de percebê-las como resultado

da exploração do trabalho de homens concretos. (CARVALHO, 2003, p.67-68)

A partir dos fatos abordados, podemos perceber que falar sobre educação ambiental implica em falar sobre a educação de modo geral e em compreender a sociedade e sua complexidade, ou seja, o modo de como o ser humano organiza a sua vida, sua relação com o território onde vive e com o mundo. Assim, partindo do pressuposto, segundo Marx (1984, p.34), de que a “relação com a natureza é condicionada pela forma de sociedade e vice-versa”, diante da problemática ambiental entendemos que analisar e aprimorar a relação do homem com o meio torna-se de extrema relevância nos tempos atuais, juntamente com os processos sócio-econômicos, políticos e culturais envolvidos para uma garantia, não somente, da qualidade de vida, mas da própria preservação da mesma no planeta.

As discussões e posicionamentos adotados nas lutas ambientais influenciam e são influenciadas nas relações de poder, na luta de classes e no confronto de idéias que fazem parte e estão inseridas dentro deste cenário, o que torna a temática ambiental essencialmente política. Assim sendo, dentro do movimento ecológico, existem grupos que se preocupam em discutir a problemática ambiental, suas especificidades e sua superação, atrelada a uma nova forma de organização social, ou seja, além das aparências. Estas preocupações se estendem tanto para a superação das contradições da sociedade capitalista, quanto sobre as problemáticas das tentativas de experiências socialistas que foram construídas na história, como afirma Carvalho:

Tais parcelas do movimento ecológico, por não terem compromisso com a acumulação de capitais, ou com o lucro, não se propõem a fazer da questão ambiental um meio para se encontrar as possíveis soluções para os problemas do capitalismo e suas constantes crises de matérias-primas (recursos naturais). Pelo contrário. Estas correntes têm manifestado preocupações crescentes com os ambientes que as sociedades baseadas na exploração e/ou na opressão impõem à maioria das pessoas e, conseqüentemente, ao conjunto da natureza.

Por isso partem de críticas generalizadas, não só ao sistema capitalista, mas também aos estados militantes e opressivos que em nome do socialismo foram construídos em muitos países. (CARVALHO, 2003, p.79)

Na sociedade capitalista as relações entre o ser humano, a natureza e o trabalho, são influenciadas por características econômicas e exploratórias, seja com

a natureza e com homens. Essas características alteram o tipo de relação do homem com o trabalho, trazendo conseqüências como: a propriedade privada, a divisão social do trabalho e o distanciamento do mesmo dos elementos componentes do processo de trabalho. Diante disso entendemos que a educação e particularmente a educação ambiental deve propor uma superação da contradição existente entre trabalho e capital, e questionar o modo de produção que sustenta isto. Além do fato de que consideramos uma unidade existente do homem com a natureza e que, portanto, as questões ambientais não podem estar desvinculadas das relações humanas na sua totalidade.

A educação ambiental deve se pautar por uma proposta de educação maior onde confronte e altere todas as formas de internalizações, em suas dimensões visíveis e ocultas, compreendendo a necessidade de mudanças essenciais, na busca de modificações de forma duradoura. Porém, dentro da correlação de forças estabelecidas entre as concepções e tendências que envolvem o debate e as lutas ambientais e educacionais, uma proposta neste sentido ainda precisa ser mais difundida e defendida.

As concepções de educação ambiental variam bastante, expressam posições políticas e ideológicas, teorias do conhecimento em que estão fundamentadas, entendimentos diversos sobre o ser humano, sobre a natureza e etc.. Portanto, vamos explicitar algumas destas concepções e aproveitar para nos posicionar e esclarecer melhor o tipo de educação ambiental na qual estamos defendendo.

Assim sendo, utilizando-se de uma diferenciação feita por Tozoni-Reis (2004) que destaca três concepções distintas de educação ambiental, analisadas dentro de duas categorias que consideramos essenciais no debate: *Relação homem-natureza* e *Educação*. A primeira concepção considera o *sujeito natural* (concepção natural), a segunda o *sujeito cognoscente* (concepção racional) e a terceira o *sujeito histórico* (concepção histórica). Apoiamos-nos na terceira tendência ou concepção (histórica) como a capaz de responder de uma forma mais satisfatória às problemáticas ambientais e justificamos na sequência do texto.

Na primeira concepção, o homem deve agir diante das leis naturais como os outros seres vivos, garantindo assim um equilíbrio harmônico com a natureza.

A primeira concepção indica a igualdade entre todos os elementos da natureza para voltar ao equilíbrio natural. Essa concepção refere-se ao caráter idílico da relação homem-natureza: os sujeitos são representados como vilões que precisam reencontrar seu lugar, naturalmente determinado. Temos aqui uma concepção romantizada, na qual a idéia de integração é sugerida pela volta ao paraíso perdido. Os problemas ambientais e suas soluções estão permeados pela subjetividade; embora a intencionalidade dos indivíduos apareça em suas relações com o ambiente, ela é determinada pela vontade subjetiva desses indivíduos. (TOZONI-REIS, 2004, p.33)

Na segunda concepção, a relação homem-natureza é mediada pelos conhecimentos técnico-científicos e modificada através do avanço destes conhecimentos sobre a natureza, ou seja, deve-se garantir o acesso e incorporação desses conhecimentos para a resolução dos problemas ambientais.

Na segunda tendência, encontram-se as representações da relação homem-natureza que, reconhecendo a desigualdade presente nessa relação, aponta a falta de conhecimentos sobre as leis da natureza como determinantes dos problemas ambientais. Aqui, o conhecimento aparece como mediador da relação homem-natureza, mas uma mediação imediata, direta, automática, mecânica, como se fosse assim: *conheceu... preservou*. Essa tendência refere-se ao caráter utilitarista da relação dos indivíduos com o ambiente em que vivem: saber (conhecimentos técnicos e científicos) usar, para poder usar mais e sempre, mas sempre usar. (TOZONI-REIS, 2004, p.33-34)

A terceira concepção trata da temática ambiental em uma perspectiva histórico social, sendo a relação homem-natureza entendida como sociedade-natureza. Pressupõe a interação do homem com a natureza e compreende a problemática ambiental como conseqüências das ações do homem no ambiente sendo historicamente determinadas.

Ela indica a relação homem-natureza marcada pela intencionalidade dos sujeitos. Segundo essa concepção, na relação homem-natureza estão presentes as condições históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Essa relação é entendida pela ótica da relação sociedade-natureza. A idéia síntese é que essa relação é construída pelas relações sociais: a história e a cultura são condicionantes e mediadoras, conferindo-lhe um caráter sócio-histórico. (TOZONI-REIS, 2004, p.34)

As duas primeiras tendências se enquadram no educar para convivência harmônica com a sociedade. Onde a primeira, a natural, com a função de reintegrar o homem à natureza, um instrumento de desenvolvimento individual, resultando

numa forma de organização social ideal, romântica e a-histórica. A segunda, a racional, atua dentro de uma visão antropocêntrica, com a função de preparar intelectual e moralmente os indivíduos para que estes sejam sujeitos ambientalmente corretos, e que assumam seu papel social dentro do projeto político e econômico vigente, adaptando os indivíduos à sociedade.

A terceira, histórica, fundamentada em princípios marxistas, parte do princípio que o homem é um ser coletivo por natureza. Defende uma educação com finalidades transformadoras, compreende a educação, e particularmente a educação ambiental, como instrumento de luta social e do desenvolvimento da totalidade do ser humano, e do saber dinâmico sobre o ambiente. Assume como função a produção de sujeitos históricos e sociais plenos, como resultado de práticas coletivas e conscientes.

A tendência racional é dominante nas discussões atuais sobre as questões ambientais, mantém as contradições da sociedade capitalista e “mascara” suas imperfeições com um discurso frágil sobre o “desenvolvimento sustentável”. A perspectiva política assumida na idéia do Desenvolvimento Sustentável traz o objetivo de conciliar os interesses econômicos, ambientais e sociais na tentativa de “moldar” o modelo de desenvolvimento “clássico”, o que acaba não questionando o modo de sociedade urbano-industrial-capitalista e o próprio modelo de desenvolvimento que se mostram insustentáveis.

Contudo, na prática, as soluções que têm sido apresentadas abrangem, primordialmente, propostas que visam à eficiência energética material na produção, o desenvolvimento de novas mercadorias “ecologicamente corretas”, o desenvolvimento de mecanismos de mercado (certificação ambiental, mercado de carbono) e melhoramentos das condições de trabalho, sempre encaixadas numa racionalidade produtiva que visa à abertura de novos mercados. Consolidou-se, por essa via, uma aposta no casamento feliz entre a economia e a ecologia. (ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010, p. 14)

Esta mesma tendência utiliza a ciência e a tecnologia de forma autoritária, legitimando-as como uma necessidade vital e desconsiderando os aspectos sócio-históricos das problemáticas ambientais. Não supera a degradação ambiental e o aprofundamento das desigualdades sociais que se tornam alguns dos maiores destaques da crise da modernidade.

(...) a concepção racionalista propõe a mesma lógica exploratória capitalista, só que com certos limites (sustentável). Porém esta se torna uma relação instável (insustentável), pois estes limites e controles ambientais se tornam vulneráveis a depender do interesse dominante de exploração que venha a surgir em dado momento histórico, devido ao fato da priorização ser a manutenção do desenvolvimento econômico. Até porque o homem utiliza os recursos da natureza, como uma forma de torná-los útil à vida humana, mas o que condiciona a utilidade e a forma como acontece esta relação do homem com a natureza é a forma cultural assumida e o modo de produção da vida. (BRITO, 2008, p. 62)

Loureiro (2006) também identifica variadas e distintas concepções e práticas que envolvem a educação ambiental, mas faz isso de uma forma mais dispersa e menos sistematizada do que a autora anteriormente citada. Porém, dentro das caracterizações trazidas por este autor, podemos perceber e encaixar essas perspectivas nesta mesma sistematização apontada por Tozoni-Reis (2004). Destaco o Loureiro nesta discussão pelo fato de que, ao fazer uma defesa de uma *educação ambiental emancipatória* e que a meu ver se aproxima da concepção histórica anteriormente evidenciada, ele explicita melhor algumas bases referentes a essa proposta e traz algumas contradições no campo do debate da educação ambiental de modo geral e do entendimento dos princípios marxistas articulados com a educação, situando e focando na questão particular da educação ambiental.

Portanto, utilizamos principalmente as referências da *concepção histórica* evidenciada pela Tozoni-Reis (2004) e a *emancipadora* defendida pelo Loureiro (2006), quando falamos mais especificamente de educação ambiental, e do Mészáros (2005), quando falamos em educação, para consolidar uma base teórica de priorização da vida e não do mercado, sendo uma educação libertadora em que não explore o tempo de lazer e nem eduque para um trabalho alienante, que transforme o trabalhador em um agente político, pensante e atuante, utilizando a palavra como arma transformadora do mundo e sempre estimule novas formas de pensamento. Uma educação e educação ambiental que busque a emancipação humana e que restabeleça os vínculos com o trabalho e o ambiente, compreendendo que a aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, que critique a realidade e proponha o novo, tentando abarcar a totalidade das práticas político-educacional-culturais.

Segundo Mészáros (2005), a dinâmica da história não é uma força externa misteriosa e sim uma intervenção de uma enorme multiplicidade de seres humanos

no processo histórico real, na linha da manutenção e/ou mudança. A nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora, elaborando estratégias apropriadas para a mudança das condições objetivas de reprodução, combatendo o sistema de internalizações que confirmam e perpetuam a mesma lógica enfrentada, que estabeleça novas prioridades e defina reais necessidades, mediante plena e livre deliberação dos indivíduos envolvidos. Formando sujeitos com informação, interpretação e prática social, que sejam capazes de entender e de explicar os conhecimentos e o mundo, pois como afirma Domingues (2005, p.132), “nunca se soube tanto e nunca se destruiu tanto”.

Percebemos uma possibilidade revolucionária na educação ambiental em relação à proposição de mudanças essenciais no que envolve o indivíduo, o meio ambiente, a cultura e a sociedade. É nela em que conseguimos visualizar uma perspectiva mais clara de uma educação para um tipo de sociedade em que se prioriza a vida. Além do fato de ser através dela também que podemos perceber e criticar a realidade e as prioridades capitalistas. Basta elencar os problemas sócio-ambientais e analisá-los dentro de uma práxis que possibilite compreender o mundo em sua complexidade e na busca de sua totalidade, percebendo as relações existentes entre os problemas mais específicos (como: sujar um local público – falta de educação e descompromisso com a coletividade; a falta de infra-estrutura como água e saneamento básico em comunidades mais pobres; etc.) e os mais gerais (como: o desequilíbrio ecológico; aquecimento global; desigualdade social; fome; etc.).

Através de uma análise mais complexa dessa realidade se percebe a base material que influencia de certa forma esses problemas, como tudo isso entra e afeta no nosso modo cultural de se relacionar com os homens (com o outro) e com o ambiente, e da tentativa de nos “preparar” e “educar” para nos adaptarmos a essas condições como se não houvesse possibilidade de alteração, promovendo uma acomodação, como se a desigualdade social fosse algo natural. Como se fosse natural a existência de uma classe, ou grupo de pessoas, que é formada por indivíduos “melhores” ou “superiores” e que merecem desfrutar dos bens culturais e materiais através da exploração de outros homens e da natureza, enquanto esses outros são explorados e muitas vezes não conseguem suprir nem suas necessidades básicas de sobrevivência, como alimentação, moradia e etc..

Uma proposta de educação ambiental deve compreender o mundo em sua complexidade e a vida em sua totalidade, valorizar as culturas locais, problematizar e criticar a realidade, perspectivando o movimento da história, entendendo a realidade objetiva e considerando os sujeitos e a subjetividade. Deve buscar, assim, um encontro com a Educação e a formação humana, uma unidade na diversidade, um diálogo entre saberes e atuar não somente no plano das idéias, mas na práxis social, mudando a vida e a consciência no movimento dialético materialista, como Loureiro traz neste trecho:

A Educação Ambiental não atua somente no plano das idéias e no da transmissão de informações, mas no da existência, em que o processo de conscientização se caracteriza pela ação com conhecimento, pela capacidade de fazermos opções, por se ter compromisso com o outro e com a vida. Educar é negar o senso comum de que temos “uma minoria consciente”, secundarizando o outro, sua história, cultura e consciência. É assumir uma postura dialógica, entre sujeitos, intersubjetiva, sem métodos e atividades “para” ou “em nome de” alguém que “não tem competência para se posicionar”. É entender que não podemos pensar pelo outro, para o outro e sem o outro. A educação é feita com o outro que também é sujeito, que tem sua identidade e individualidade a serem respeitadas no processo de questionamento dos comportamentos e da realidade. (LOUREIRO, 2006, p. 28)

Defendemos, portanto, uma educação ambiental que busca a formação de sujeitos históricos, ou seja, formar indivíduos que são ativos diante da história, que compreendem de forma prática (na práxis) a necessidade de serem protagonistas de suas vidas e que viver em sociedade é viver no coletivo, fazendo parte desse coletivo como sujeito, eles se tornam responsáveis também pelos rumos que este toma. Que os possibilite discutir e atuar sobre os problemas e propor a superação dos mesmos, incentivando e fortalecendo uma relação cultural entre os seres humanos e com a natureza dentro de uma proposta maior, mais “sustentável” e mais “humana”, para além do capital.

As relações que temos com o ambiente, inclusive a crise ambiental ou civilizatória, é uma construção histórica. Dentro dessas relações sociais historicamente estabelecidas é que existe a possibilidade dialética de construção de sociedades verdadeiramente sustentáveis (sob uma nova base material e subjetiva). Ou seja, numa análise crítica da realidade, não visualizamos a possibilidade de uma sustentabilidade realmente eficaz dentro dos parâmetros capitalistas. Com isso não queremos dizer que somente poderemos praticar uma educação ambiental depois da superação deste modo de produção, mas que devemos atuar nas

particularidades que envolvem os temas da educação ambiental, compreendendo os seus determinantes mais gerais e atuando para transformar a realidade e criar as condições para o surgimento de uma nova sociedade.

Uma organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter; nunca relações de produções novas e superiores se lhe substituem antes que as condições materiais de existência destas relações se produzam no próprio seio da velha sociedade. É por isso que a humanidade só levanta os problemas que é capaz de resolver e assim, numa observação atenta, descobrir-se-á que o próprio problema só surgiu quando as condições materiais para o resolver já existiam ou estavam, pelo menos, em vias de aparecer. (MARX, 1983, p. 25)

Não sabemos qual o tipo de sociedade que poderá vir ou como se chamará necessariamente, mas deverá ser praticada e defendida desde agora, através de uma práxis revolucionária fundamentada na perspectiva da formação de um ser humano omnilateral, mais solidário, mais “humano”, mais coletivo e sem perder sua individualidade. Esta sociedade tem que se fundamentar a partir do enfrentamento da realidade capitalista como uma forma de superação da mesma, pois não adianta idealizar uma nova realidade desconsiderando a história.

Ao longo da história da humanidade existiram diversas formas de organizações sociais que foram, dentro deste processo histórico, se sucedendo como uma forma de superação de uma para a outra, na medida em que as condições materiais para a revolução de um modo para o outro foi surgindo. O capitalismo se faz forte sobre determinados aspectos e extremamente frágil sobre outros e é nessa contradição que se encontra a possibilidade e surgimento das condições necessárias para sua transformação. Porém não se trata de reformas no sistema, pois estas medidas apenas atuam sobre a superficialidade, na aparência, e não alteram a lógica que influenciam os problemas centrais dentro da macro-estrutura da sociedade e que afetam de modo geral a vida no planeta. Diante disso, trazemos uma contribuição de Tozoni-Reis através da proposta de educação ambiental defendida a partir do entendimento da relação homem-natureza sendo mediada pela história:

Essa concepção de relação homem-natureza, definida pela história das relações e práticas sociais, tem conseqüências para a educação ambiental. A educação é prática social construída e construtora da humanidade, mas

não pode inventar uma realidade supra-histórica. A educação é construída no interior das relações sociais concretas de produção da vida social, assim como contribui na construção dessas relações sociais. As implicações filosófico-políticas dessas afirmações dizem respeito à ampliação dos processos educativos na perspectiva da formação humana plena, isto é, na perspectiva de superação radical da alienação, da exploração dos homens e da mercantilização da natureza. Nesse sentido, a educação e a educação ambiental instrumentalizam o sujeito para a prática social, inclusive em sua dimensão ambiental; instrumentalização que poderá ser tão democrática quanto for democrática a sociedade que a constrói e que é construída pelas relações sociais. O princípio educativo não é a ideologia da harmonia, nem o fetiche do conhecimento científico, mas as efetivas necessidades histórico-concretas da sociedade, expressas pela atividade essencial: o trabalho – compreendido em sua amplitude filosófica – tomado como síntese da produção da vida individual e coletiva. (TOZONI-REIS, 2004, p. 145)

Portanto, a educação ambiental deve compreender o ser humano enquanto natureza, que ele faz parte dela e ao mesmo tempo se diferencia, buscando superar, como afirma Loureiro (2006), algumas dicotomias do tipo: uma supremacia do saber científico sobre o saber popular; soluções técnicas descoladas das relações de poder e da política; supervalorização da ética e da consciência como se estas estivessem fora da organização social e da complexidade e totalidade da realidade. Onde aconteça a dialética entre forma e conteúdo, que provoque alterações na atividade humana e implique em mudanças nas esferas individual e coletiva, locais e globais, estruturais e conjunturais, econômicas e culturais, compreendendo que não ocorre uma revolução de estruturas sem sujeitos e que o processo de conscientização acontece dentro de um movimento coletivo, com o outro, com o mundo, através da prática social e práxis revolucionária, entendendo o sentido de revolucionar sendo a transformação do ser e das condições objetivas de existência. Sendo assim, uma educação que sirva como instrumento de luta social e do desenvolvimento da totalidade do ser humano, e do saber dinâmico sobre o ambiente.

3 - Cultura Corporal: o Corpo e a Cultura em aproximações necessárias para se pensar a Educação Ambiental

Quando falamos de cultura encontramos inúmeras definições e/ou caracterizações que ganham igualmente um leque de classificações para cada uma das definições. No dicionário da língua portuguesa escrito por Luiz Antonio Sacconi (2001, p. 276), dentre algumas definições, destacamos o “conjunto de experiências humanas acumuladas durante muito tempo” e também o “conjunto de tradições e valores materiais e espirituais característicos de uma sociedade”. Em outro dicionário da língua portuguesa, este escrito por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986, p. 508), a cultura é definida como “o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade” ou “o desenvolvimento de um grupo social, uma nação, etc., que é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores”.

Ao longo da História foram elaboradas muitas definições diferenciadas sobre o que seria cultura, sendo ela entendida muitas vezes como algo material e externo ao homem ou mesmo como um sinônimo de estudos e de educação formal. Fato este que provocava diferenciações perigosas entre os seres humanos e até justificava práticas como guerras e colonizações. Apesar da existência de variadas definições, com sentidos genéricos e abrangentes, o conceito de cultura foi passando a ser considerado como um processo dinâmico inerente a todos os humanos. Como na definição de Marilena Chauí (1994, p. 295): “cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística”.

A cultura está diretamente relacionada à relação do ser humano com o outro e com a natureza, no viver em coletivo, em sociedade, com o mundo. Ela está marcada nas expressões locais, nas histórias de vida, nas ações cotidianas, nas marcas e posturas que temos, no olhar que damos para o mundo, no colorido que pintamos, na dinâmica da vida, nas formas e reformas que fazemos.

Existem manifestações culturais na maioria das atividades humanas em sociedade: nas músicas, nas festas, na culinária e na alimentação, nas vestimentas, no nosso jeito de construir casas e de morar, nos rituais religiosos, no jeito de falar e até mesmo no jeito de enterrar os nossos mortos. Acabam sendo momentos de alegria e tristeza, individuais e coletivos, que nos unem e nos caracterizam como seres culturais.

A partir de um conceito interessante encontrado no material do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem Adolescente (2008, p. 34) – defendemos a idéia de que a cultura é um conjunto complexo de padrões e códigos que regulam e influenciam a ação humana individual e coletiva no movimento da história. Ela está expressa nos modos de convivência e sobrevivência, na tecnologia que utilizamos diariamente, nas instituições, nas regras de comportamento (envolvendo o uso que fazemos do nosso tempo para o trabalho e para o lazer), nos valores afetivos, espirituais e crenças, nos costumes, nos hábitos e modos de agir, de pensar, de se comunicar, nas manifestações artísticas e etc.. A cultura envolve a capacidade humana de simbolizar, de criar linguagens para se comunicar e atualizar essas expressões para poder transmitir sua história e experiências às gerações seguintes.

A cultura é dinâmica, ela incorpora constantemente novos valores, hábitos e costumes que podem até conviver com valores, sentimentos e modos de viver herdados de outras gerações, dos nossos avós e antepassados, e dos quais muitas vezes sequer temos esta consciência. Esse conjunto de códigos culturais (de ontem e de hoje) nos envolve desde o nascimento, pois os desenvolvemos no convívio com outras pessoas, com a sociedade, com a natureza, na nossa capacidade de observar, de ouvir com atenção, na necessidade de se comunicar, aceitando e questionando as dúvidas e contradições como parte de um processo social que possibilita, e às vezes nos exige, a nossa participação direta.

Quando crianças, vamos tomando consciência do nosso corpo e aprendendo a dar sentido aos nossos gestos, vivenciando situações, observando os outros e o mundo em nossa volta. E muito da vida em comunidade também é aprendido antes

de tudo desta forma, pela percepção e experimentação dos gestos e significados que nem sempre podem ser traduzidos por palavras. Nosso aprendizado é corporal. Ações simples como andar, saltar, tocar as pessoas e falar, muito disso é aprendido por observação e pela vivência das diversas situações da vida. Em grupos humanos, principalmente os que já existem há algum tempo, isso dá origem às tradições, costumes e modos de agir, que são compartilhados e transmitidos.

Podemos perceber este aprendizado corporal e cultural de diversas formas, quando, por exemplo, comparamos as características dos povos indígenas com os quilombolas, ou mesmo nas diferenças evidenciadas entre os nordestinos e os sulistas, onde possuem características que se aproximam por serem do mesmo país e terem vínculos, hábitos e costumes próprios de uma unidade histórica que os une, e ao mesmo tempo características completamente diferentes como no modo de falar, de se comportar, de se vestir, de se alimentar e etc., que expressam sua história particular, sua relação histórica com a natureza e condições materiais diferenciadas.

Na Vila de Diogo podemos destacar algumas situações, como o fato das pessoas vestirem pouca roupa, devido ao calor e sua história de dificuldades. Eles aprendem a nadar muito por observação e prática do cotidiano no contato com o rio e o mar, pois não existe uma aula de natação e todos(as) crescem brincando no rio. Costumam se alimentar de peixes e frutos do mar. Atualmente o futebol é o esporte mais praticado, devido principalmente a chegada da energia elétrica e os meios de comunicação de massa na vila, até porque são brasileiros e sofrem também a influência da “monocultura” esportiva do futebol.

Podemos destacar também na comunidade de Diogo que normalmente parecem estar mais acostumados ou dispostos a caminhar, muito pelas próprias relações inter-pessoais na comunidade, mas também por ficarem um pouco distantes da pista (Linha Verde) e por terem que atravessar as dunas para chegar ao mar, ou seja, é uma comunidade um pouco isolada e, na necessidade do contato com as outras ou com outros municípios, possuem uma dificuldade em relação ao transporte público e particular. Possuem algumas associações (artesanato,

moradores, surf e etc.), consequência da necessidade de estarem se organizando em determinados momentos diferentes. Dentre outras várias situações que expressam as particularidades da história e cultura corporal da comunidade, e da região onde estão situados e sofrem influências.

O corpo aprende, e é cada sociedade específica, em diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada, que o ensina. E, ao ensiná-lo, nele se expressa: no olhar, no andar, no dormir, nos gestos, nas posturas e nas sanções. Diz mais: mesmo tratando-se da mesma sociedade, o corpo se expressa de acordo com sua historicidade. (PAULA SILVA, 2002, p. 26)

Nosso corpo não é apenas algo físico. Nesta perspectiva buscamos superar a antiga fragmentação entre o corpo e a mente, ou seja, podemos compreender o corpo em sua totalidade e possibilidades diversas. Ele é muito do que pensamos e fazemos dele, está inserido em contextos socioculturais e ambientais que o influencia e ao mesmo tempo lhe transforma e permite a alteração destes contextos que continuam influenciando e sendo influenciados no movimento dialético da vida.

De sua vivência no interior de um bloco histórico, os homens vão construindo suas explicações e justificativas do mundo, estabelecendo suas práticas culturais, criando suas “mentalidades” e “ideologias”. A educação (do corpo), se dá de forma a nele se inscreverem as normas sociais. Porém, o corpo é também espaço de transgressão, de rebeldia ao estabelecido, como nos conta, por exemplo, o movimento *hippie* na década de 1960, é também um espaço revolucionário.

O homem pode se “fazer”, se “tornar”, criar sua própria vida. O homem é, pois, um processo, um processo de seus atos. Somos criadores de “nós mesmos”, de nossa vida. O homem apropria-se de seu ser universal de maneira universal; portanto, enquanto homem total. Cada uma de suas relações humanas com o mundo – a visão, a audição, o olfato, o paladar, o tato, o pensamento, a intuição, o sentimento, a vontade, a atividade, o amor, em suma, todos os órgãos que formam a sua individualidade e que, na sua forma, são órgãos sociais – é, no seu comportamento objetivo ou na sua relação com o objeto, apropriação deste. (PAULA SILVA, 2002, p. 30)

O corpo se relaciona com o espaço e com o tempo em um ritmo próprio, possui sua individualidade, mas segue também um ritmo social. Quando o indivíduo caminha, corre, salta, brinca, dança, se desloca para outro lugar ou simplesmente diverte-se, ele se move com o seu corpo em um lugar, do seu jeito, ou seja, em um

determinado ambiente e contexto no qual está inserido. Todos nós temos cultura e estamos inseridos em uma cultura.

A cultura está em nós mesmos, em nosso próprio corpo, nos nossos gestos e até no nosso jeito de vestir, além disso, ela também é coletiva, está em nossa volta e participamos dela junto com outras pessoas. A cultura se manifesta nos usos e costumes dos grupos humanos, no senso comum presente no cotidiano, ajudando a definir as regras de convívio social e possibilidades históricas, sejam elas individuais, corporais e/ou coletivas.

Este aprendizado corporal e cultural é um processo constante e permanente na vida das pessoas, com interações e intensidades diferenciadas ao longo de sua história, sendo fruto das relações entre os seres humanos e com a natureza. Ou seja, como abordamos no capítulo anterior, através da atividade prática com a vida, com o mundo, através do trabalho. Nesta relação ocorre a atuação dialética das “forças” que influenciam este indivíduo e no qual ele está inserido, e a atuação das “forças” do próprio indivíduo que acabam também influenciando na realidade, na natureza externa, provocando assim uma influência ou modificação “mútua”, dialética, entre o homem (seu corpo) e a natureza (a realidade objetiva).

o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (MARX, 2006, p.211)

O homem pertence à unidade chamada natureza, e como afirmou Marx (1984, p.28), o homem sempre teve diante de si uma natureza histórica e uma história natural. Esta relação de unidade sempre existiu, sendo influenciada pelo tipo de desenvolvimento sócio-econômico e cultural do meio ou território em seu determinado período histórico, e é nessa relação que o homem se torna humano.

O ser humano é um ser incompleto que ao nascer pouco ou nada sabe de sua vida. Passamos por um processo de socialização que varia conforme o ambiente social, e conseqüentemente com a classe que pertencemos.

Segundo Maria Cecilia de Paula Silva (2002), não existe uma natureza humana, no sentido de uma essência biológica, fixa, determinante da variabilidade das formações socioculturais, mas sim uma condição humana. A análise da condição humana se opõe a idéia da natureza humana, por considerar a cultura uma edificação de uma personalidade social, ou seja, é no processo cultural que se “atua” e “cria” uma essência humana. Ou como ela afirma, “os caminhos pelos quais nos tornamos e permanecemos humanos são tantos quanto as culturas do homem. Humanidade é, em síntese, uma variável sociocultural, criação de um homem social” (PAULA SILVA, 2002, p. 31).

Portanto, existe uma materialidade corpórea humana que se dá através da relação com a natureza e que é dialética, onde, como afirma Jean-Marie Brohm (2007, p. 341), “a história ‘natural’ e depois cultural do corpo é, portanto, a história do trabalho no corpo e do corpo para o trabalho”. Assim, as leis da evolução humana não se reduzem a explicações puramente biológicas, mas diretamente influenciada por fatores culturais, compondo um ser complexo e multifuncional.

Carlos París (2002) defende a necessidade do âmbito social humano, ou como ele chama de *útero cultural*, para alcançar à condição humana, nessa relação entre Biologia e Cultura.

Talvez, em nenhum momento de nossa análise tenha aparecido com tanta clareza a maneira pela qual a cultura se insere na Biologia, como complemento e desembocadura desta, como exigência de novas soluções vitais, de um novo meio, quando a Biologia chega, exausta, ao final de seu caminho, quando o percurso desemboca nas águas oceânicas da cultura. E não se trata, nessa perspectiva biológica, de simplesmente enriquecer a conduta mediante a aprendizagem, completando e aperfeiçoando um programa genético, mas, muito mais radicalmente, da própria maturação morfológica e do acesso a membros da espécie. As experiências de “homensferas” nos mostram de que maneira, fora do âmbito social humano, do útero cultural acolhedor, potencialmente receptivo para as capacidades inatas no recém-nascido, faz-se espantosamente difícil alçar-se à condição humana propriamente dita. (PARÍS, 2002, p. 391)

Com isso, diante da complexidade e das variadas relações e influências, podemos perceber e considerar a existência de uma “unidade corporal” que envolve aparentemente um corpo biológico, um corpo físico, um corpo social e um corpo cultural que, apesar de podermos categorizar dessa forma ou evidenciar características que os identificam, são indissociáveis dentro do processo histórico formativo corporal e social. Ou seja, não é a soma das partes que forma o todo, mas participam simultaneamente da mesma unidade histórica corporal e se entrelaçam, se influenciam, em suas formas de expressão e manifestação no processo de desenvolvimento humano e materialidade corpórea. O ser humano (o corpo) sofre várias influências e estas formam uma totalidade interligada que é o próprio corpo. Podemos identificar essa “unidade corporal” ou esses “corpos” e suas influências no exemplo do trecho que se segue, onde o tipo de trabalho caracterizado na sociedade capitalista acaba muitas vezes criando marcas corporais diversas:

Os traços do trabalho, como a tez bronzeada, o calo, as unhas enegrecidas, marcam de modo indelével, muitas vezes até no esqueleto. Assim, a artrose do quadril é, frequentemente, uma doença profissional, e o reumatismo o é também. Os acidentes de trabalho provocando fraturas, rachaduras mais ou menos reduzidas, tornam bastante grande o número de enfermos na sociedade tradicional [...]. Assim, por seu labor quotidiano, o corpo do homem é profundamente marcado culturalmente, até em seu esqueleto. O trabalho, primeira relação do homem com a natureza transforma portanto, seu corpo, obriga-o a se socializar, a revestir-se de significados múltiplos. (LOUX *Apud* BROHM, 2007, p. 349)

Com essa materialidade corpórea podemos perceber que até a constituição física do ser humano tem uma relação com a cultura, com sua atividade prática. O corpo biológico continua “conectado” com o corpo físico, e estes com o cultural e o social, pois muito do corpo “natural” acaba sendo resultado do processo histórico de civilização.

Podemos identificar essa articulação ou conexão quando, por exemplo, analisamos a sensibilidade humana ou a formação dos sentidos humanos. Esta “formação” é fruto do trabalho de uma história passada, das necessidades práticas e com significações limitadas às caracterizações humanas. Existe uma diferenciação dos sentidos humanos (a visão, a audição, o tato, o paladar, o olfato, o sentimento e

a vontade, por exemplo) em relação aos não humanos, do homem social para o homem não social, onde a própria subjetividade do sentir do homem se deve objetivamente a essência humana de suas significações, sentimentos e prazeres. Assim podemos dar e encontrar sentido nas músicas, nas artes, imagens e etc..

Dito de outro modo, as capacidades corporais, aparentemente as mais biológicas, as mais “*naturais*” do corpo, são produzidas pelo processo civilizatório. E isto, tanto porque elas são formadas, decuplicadas, refinadas pelo trabalho que se exerce sobre elas pela educação e pela sociabilidade cotidiana, como porque elas se tornam o objeto de uma atenção particular nas diversas práticas culturais nas quais se acham inseridas (músicas, danças, artesanatos, etc.). Marx sublinhará assim que “*o objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público apto a compreender a arte e a usufruir da beleza. A produção não produz, portanto, somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto*” (BROHM, 2007, p. 345)

O ser humano pode criar sua própria vida, sua própria história, e isso se faz corporalmente. Paula Silva (2009, p. 44) evidencia que “somos criadores de nós mesmos, de nossa vida” e que as relações humanas com o mundo se dão através do seu comportamento objetivo ou na sua relação com o objeto.

E assim, podemos explicitar vários exemplos deste Corpo ou desta “unidade corporal” articulada, em que fatores socioeconômicos, culturais, ambientais, físicos e biológicos se apresentam de forma integrada e que expressam à relação do corpo humano com a natureza e com a história, com o mundo.

Diversas condições e situações podem e devem ser levadas em consideração quando pretendemos falar sobre o corpo, fatores que de alguma forma exercem uma influência direta ou indireta sobre os seres humanos e seus corpos, nas suas histórias individuais, coletivas e cotidianas e que, mesmo sem nem percebermos, acabam marcando nossas vidas, nossas atitudes, comportamentos, decisões e trajetória. São conseqüências das relações humanas em um determinado território e, portanto, são relações socioculturais e ambientais.

Fatores diversos como: a história local; o clima; o nível de desenvolvimento urbano e econômico; a localização geográfica; os tipos de empregos predominantes; a caracterização e as condições ambientais da região; os esportes praticados e

difundidos; as brincadeiras; os costumes; rituais; os adereços utilizados, comercializados e valorizados; a quantidade e tipos de vestimentas utilizadas; religiões e crenças; danças; músicas; contato com grupos ou movimentos sociais e culturais; as manifestações artísticas; os tipos de construções; o nível de desigualdade social; as relações de poder estabelecidas; instituições; partidos políticos; as relações familiares e sua valorização; os preconceitos presentes; os vícios; o nível de informação e de como esta chega até as pessoas; as marcas e propagandas que exercem uma influência na região; as várias formas de internalizações (a influência da mídia, a moda que é ditada, os padrões estéticos valorizados, os ídolos conhecidos e cultuados, etc.). Tudo isso e mais outros, demonstram a possibilidade e complexidade de aspectos objetivos e subjetivos em que estamos envolvidos e que costumam influenciar nas ações, escolhas, posturas, práticas e nos “moldes” corporais das pessoas, de um coletivo, uma comunidade, sociedade, enfim.

Ao mesmo tempo este corpo também protesta, se expressa, de forma rebelde ou revolucionária como forma de enfrentamento ou um simples repúdio aos padrões estabelecidos, situações de desacordo, repressões e etc., ou até mesmo como uma forma de se auto-afirmar, de demonstrar uma originalidade, sua individualidade. Estas manifestações podem se dá de várias formas, desde um corte de cabelo diferente a uma mudança radical na sua organização de vida, e que acabam por também influenciar novas reflexões, novas atitudes, sejam elas individuais ou coletivas, e conseqüentemente talvez até a sua própria história e cultura.

Deve-se conceber o homem como uma série de relações ativas, como um processo no qual, se a individualidade tem comprovadamente a máxima importância, não é, todavia, o único elemento a ser considerado. A humanidade que se reflete em cada individualidade é composta de diversos elementos, ou seja, o indivíduo, os outros homens e, finalmente, a natureza. Neste sentido, o homem passa a ser considerado como a síntese das relações sociais num contexto determinado, como também expressa a História dessas relações. (PAULA SILVA, 2009, p. 23)

A educação surge aí como uma via fundamental na manifestação corporal, devido sua responsabilidade cultural e íntima relação com a sociedade, com os

rumos de um povo. É muito através da escola, por exemplo, que o corpo absorve e reage às normas sociais. Porém, como já evidenciado no capítulo anterior, a educação e escola capitalista costuma impor uma ordem social vigente para dominar e disciplinar o ser humano, produzindo corpos dóceis, conformados e que podem ser submetidos. Apesar desta realidade imposta e dominante, a educação se faz dentro e fora da escola, estamos aptos a estar aprendendo alguma coisa, até onde se sabe, enquanto estivermos vivos. O mundo é dialético e a educação e o corpo não estão fora desta característica, e por isso apresentam possibilidades de reação e superação, como afirma Paula Silva (2009, p. 47):

A escola pode produzir também corpos rebeldes e corpos revolucionários. O homem é um ser desejante, é um ser que sente prazer, também é um ser que constrói utopias. A escola desconsidera esse ser, violenta-o, tolhe, limita suas possibilidades de torna-se mais humanizado por meio da facilitação das relações democráticas. Apesar disso, ele deseja a liberdade, ele inventa outros mundos e não sucumbe ao modelo que lhe apresentam. Existe a possibilidade de sua docilização e existe a possibilidade de sua libertação, pois este movimento é dinâmico, e não estanque; é dialético.

O homem pode e deve construir sua própria história, mas não o faz sob circunstâncias de sua escolha e sim de acordo como a realidade se apresenta. A correlação de forças entre uma provável docilização contra uma emancipação (libertação) corporal é muito contrastante e favorável à primeira, diante das condições da realidade e suas características capitalistas. A sociedade inscreve marcas, suas normas sociais, em nossas vidas, em nosso corpo. Portanto as características do capitalismo como a desigualdade e luta de classes, mercantilização das coisas, necessidade do rendimento, uma competitividade exacerbada, o individualismo, um produtivismo e alienação, podem ser identificadas em nossas vidas, na cultura, nos corpos.

No capitalismo a produção do corpo obedece às leis gerais da acumulação do capital (divisão social e técnica do trabalho, produtividade, cálculo dos custos, corrida ao lucro, etc.). O corpo que produz o capitalismo é duplamente dividido: segundo a lógica de seu duplo caráter (valor de uso e valor de troca) e segundo a lógica das oposições de classes. A produção do corpo obedece, portanto, como as demais produções, à luta de classes; ela distribui desigualmente os homens, seguindo a hierarquia social. A alguns a produção permite obter um acréscimo de corpo, uma mais-valia

corporal, uma fruição corporal; a outros o trabalho impõe o cretinismo do ofício, a mutilação, o definhamento, a decadência do corpo. Com clareza, a produção do corpo no capitalismo introduz diretamente a corporeidade no campo político clivado pelos antagonismos de classe. (BROHM, 2007, p. 345)

Diante das contradições, desigualdades e necessidades que se apresentam aos seres humanos no sistema capitalista, o trabalho se configura como uma atividade alienada, onde os trabalhadores muitas vezes não se reconhecem ou não encontram um sentido maior em seu próprio trabalho, sendo este caracterizado como uma penalidade, um sofrimento, um sacrifício corporal em sua vida e não a realização dela. E assim também na escola.

O homem torna-se estranho a si mesmo, ao seu trabalho, ao seu próprio corpo, quando este apenas serve como um instrumento técnico em que ele comercializa e faz a manutenção, para cumprir um rendimento esperado, fragmentando e contabilizando o tempo de suas atividades, ou como traz Brohm (2007, p. 353), “ele é rebaixado à categoria de máquina – para produzir, para dormir, para comer, para procriar, para se entorpecer – que é preciso manter funcionando”. E assim os trabalhadores acabam organizando sua vida no capitalismo, tanto no tempo de trabalho quanto no tempo do não-trabalho (ou descanso para o trabalho), de forma alienada, como um estranhamento corporal, e sem um sentido maior, ou mais humano.

O conceito de alienação baseia-se, assim, na distinção entre essência e existência, no fato da existência do homem ficar alheia de sua essência, de na realidade ele não ser o que é potencialmente, ou, por outras palavras, de ele não ser o que deveria ser. Ocorre a alienação do homem de seu próprio corpo, da natureza extrínseca, de sua vida mental e de sua vida humana. (PAULA SILVA, 2002, p. 44)

A criação de falsas necessidades e um estímulo ao consumo surge com força nas vidas e rotinas das pessoas, ao ponto destes entenderem que é na necessidade do desnecessário e/ou para consumir até onde lhe for possível em que se encontra o “sentido da vida”. Suas vidas acabam sendo esvaziadas de sentidos humanos e coletivos, predominando prazeres pessoais, mesquinhos e econômicos, criados como fetiches para se manter uma lógica econômica societária, mercantilizando as

coisas, os sentimentos, os desejos, o tempo, o corpo e a vida.

As sociedades industriais avançam como sociedades de acumulação e de bens de consumo, apoiadas sobretudo em um tempo linear e cumulativo e em uma série de leis abstratas que ampliam as desigualdades sociais e sustentam um campo de explorações desenfreadas. Estas características tendem conjuntamente a reduzir o homem a um produtor/consumidor de mercadorias, isso quando não o reduzem à própria mercadoria, para a qual o poder dita um modelo segundo a vontade de seus projetos, isto é, de seus interesses. (PAULA SILVA, 2009, p. 50)

Esse ritmo social interfere na vida como um todo de cada pessoa, logicamente que vivenciado e sentido de forma diferente devido à desigualdade inerente ao sistema, das condições materiais e divisão de classes, ele interfere inclusive na saúde e qualidade de vida dos indivíduos. Altera as relações humanas, seja com o trabalho (capitalista) ou com o lazer, supervalorizando o primeiro e desvalorizando o segundo, sendo este último funcionando como uma espécie de preparação, recuperação ou como uma atividade para suportar o desprazer do labor cotidiano, alienando e fadigando o trabalhador em sua relação com o mundo social, que se dá através do corpo.

Todas essas conseqüências decorrem do fato de o trabalhador ser relacionado com o produto de seu trabalho como **um objeto alienado**. Para Marx, a alienação significa que o homem não se vivencia como agente ativo de seu controle sobre o mundo, mas que o mundo (a natureza, os outros e ele mesmo) permanece alheio ou estranho a ele, pois alienar-se é, em última análise, vivenciar o mundo e a si mesmo passivamente, receptivamente, como sujeito separado do objeto. O homem se transforma em coisa ao se alhear da própria vida, da riqueza de suas próprias potencialidades, entrando em contato consigo mesmo de modo indireto, submetendo-se aos outros, à *ideologia*, ao *Estado*, à *Igreja etc.* (PAULA SILVA, 2009, p. 67)

Ao passo em que avançamos nos estudos e produções de novas tecnologias, novos remédios, novas experimentações e descobertas, também percebemos um aumento de doenças e sintomas ligados ao chamado “stress” e estilo de vida contemporâneo, a necessidade do aumento de ganho financeiro e pelo aumento do custo de vida, a carga horária dos empregos, a falta de lazer e contato com a família, dentre outros. Isto muitas vezes é ainda somado a condições

socioambientais precárias, falta de uma boa estrutura sanitária, dificuldade de locomoção e transporte público, engarrafamentos, poluição sonora, dos rios e do ar, a violência e a insegurança, etc.. E assim podemos perguntar: será que a vida diante de algumas dessas situações em conjunto (fato normal na vida da maioria das pessoas atualmente) é realmente saudável? De que qualidade de vida nós deveríamos estar falando? O fato de estarmos sem alguma doença no momento nos permite afirmar que temos saúde ou uma vida saudável?

A saúde não deve ser compreendida como simplesmente a ausência de doenças, mas dentro de uma perspectiva muito maior que envolve o ser humano e sua vida, e conseqüentemente a sua qualidade de vida. Ou seja, precisa-se envolver a “unidade corporal” de forma saudável, em seus fatores articulados, considerando os vários aspectos que envolvem a vida, como os físicos, biológicos, culturais, sociais e ambientais da relação do homem com o mundo e consigo mesmo.

O ritmo sócio-produtivo da sociedade capitalista ultrapassa limites morais e fisiológicos dos trabalhadores, os obriga a viver em condições insatisfatórias e até precárias, determina a quantidade e qualidade do tempo destinado para um lazer, para as refeições, para o sono e repouso, favorecendo inclusive uma abreviação da própria vida do trabalhador. O capital se preocupa com o máximo em que pode explorar a força de trabalho. Até as medidas consideradas em prol do trabalhador acabam sendo acordos ou ações que visam criar acomodações ou condições para aumentar seus rendimentos, suas performances, onde estas, na verdade, apenas surgem e são criadas com tal finalidade.

Outro exemplo são os padrões físicos e estéticos defendidos ou valorizados socialmente, um culto ao físico que leva muitos indivíduos, inclusive atletas, a se submeterem a cirurgias estéticas, ao uso de esteróides anabolizantes, de drogas e dietas perigosas, onde estes podem se apresentar aparentemente saudáveis, porém, além dos riscos patológicos destas atividades, se utilizam de artifícios agressivos ao seu corpo em função de padrões, exigências estéticas sociais e de rendimentos como uma espécie de obrigação corporal, transmitindo uma imagem de

beleza e saúde que se torna extremamente frágil dentro da totalidade que envolve o corpo e as práticas corporais.

Novas questões vieram à tona, expondo e aumentando a exploração do corpo-objeto, como a liberdade sexual, a contracepção, os anabolizantes, o desenvolvimento do “mass media”, a clonagem, o Projeto Genoma etc.; e o trabalhador torna-se uma mercadoria ainda mais barata, à medida que cria mais bens. A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do *aumento de valor* do mundo das coisas. Conforme já demonstrara Karl Marx, o trabalho não cria apenas bens; “ele também produz a si mesmo e o trabalhador como uma mercadoria, e, deveras, na mesma proporção em que produz bens”. (PAULA SILVA, 2002, p. 44)

As diversas perspectivas sobre as criações culturais como expressões da nossa humanidade e de suas diversidades, pretendem mostrar que o desenvolvimento da cultura e da educação crítica podem ser importantes formas de se aproximar da idéia de um corpo saudável. O corpo compreendido em sua totalidade, complexidade e possibilidades, envolvido pela cooperação, solidariedade, respeito e amizade, lutando por boas condições de alimentação e moradia, pela disponibilidade de tempo livre e lazer, preservação e não poluição ambiental, realização de atividades físicas adequadas, acesso a um sistema educacional e de saúde de qualidade (hospitais, acompanhamentos, remédios e etc.), são horizontes para a realização da vida em seu sentido mais nobre de existência coletiva em liberdade e integrada ao ambiente, ou algo mais próximo de uma verdadeira qualidade de vida.

É preciso se considerar a totalidade corporal e se enfrentar a visão cartesiana que ainda influencia a sociedade e uma concepção de corpo fragmentada.

(...) a biologia e a ciência permaneceram ignorantes no que se refere ao todo corporal e à sua relação com os outros e com o meio ambiente. Esta visão cartesiana mecanicista de mundo tem exercido uma poderosa influência sobre todas as nossas ciências e sobre o pensamento ocidental em geral. O método de reduzir fenômenos complexos a seus componentes básicos está presente em nossa cultura através de grandes pensadores como Comte, Spencer e Tocqueville, que fazem um registro das conjunturas típicas do mundo burguês em formação e não chegam ao nível de questionamento, porque estão comprometidos com uma visão que confere à realidade categoria e um estatuto que não permitem dúvidas. (PAULA SILVA, 2009, p. 55)

Existe um corpo e este assume características biológicas, físicas, culturais e sociais, onde elas não são fragmentadas e, portanto, estes aspectos podem e devem ser trabalhados de uma forma integral, conjunta, dentro de uma proposta educacional emancipadora, em que se busque o desenvolvimento da omnilateralidade humana, negando o homem unidimensional, perspectivando um desenvolvimento total, completo, multilateral. É interessante, porém, que esteja clara esta intenção de formação humana, esta educação para a formação de um ser humano emancipado, enquanto sujeitos históricos, e para a construção de condições socioculturais e ambientais condizentes com esta exigência, ou seja, para um novo tipo de sociedade.

E esta possibilidade de mudança consiste, a nosso ver, na busca de práticas escolares que sejam contrárias ao individualismo tão exacerbado por nossa sociedade. A opção que se coloca é clara: ou se reforça o individualismo, ou se investe na formação de pessoas fraternas, solidárias. A luta que se deve travar é contra o sistema que não admite a diferença, que não respeita as singularidades, contra o sistema que só pensa na produção de pessoas eficientes, dóceis e rentáveis. E não contra as pessoas. (PAULA SILVA, 2009, 47)

Nesta perspectiva, a Educação e a Educação Ambiental caminham juntas, sem falsas fragmentações, sendo ao mesmo tempo saúde e educação, sendo “corpo” e “mente”, sendo homem e natureza, buscando abarcar a totalidade e a complexidade que envolve o ser humano no mundo. Através do estudo e utilização deste corpo e das práticas corporais, da Cultura Corporal, desenvolver uma educação que seja praticada corporalmente na sua integralidade e que compreenda a relação indissociável entre indivíduo-espécie-cultura-sociedade-natureza.

A educação é um processo cultural de humanização do homem, ou onde aprendemos uma forma de humanidade. O ser humano e suas práticas corporais devem ser entendidos como social, cultural, histórico, inacabado e, portanto, em constante transformação.

Consideramos a existência de uma relação muito íntima entre o Corpo, a Cultura, a Educação (no sentido de uma formação humana), a Sociedade e o Meio Ambiente quando falamos de uma Cultura Corporal.

A Cultura Corporal deve ser compreendida em sua ampla possibilidade, contextualizando e relacionando-a aos interesses políticos, econômicos, sociais, culturais e que considere seus aspectos históricos e ambientais. Uma perspectiva que abarque o corpo no mundo e sua cultura (geral e local), além das práticas corporais diversas produzidas e transmitidas historicamente através dos jogos, brincadeiras, esportes, danças, lutas e outras manifestações que são produzidas socialmente, culturalmente e corporalmente na relação do ser humano com a natureza.

Isso tudo é a Cultura Corporal. Ela é dinâmica e histórica. Manifestações e práticas corporais que foram elaboradas ao longo da história da humanidade e que expressavam e expressam sentidos-significados próprios das culturas e territórios em que surgiram e se desenvolveram, bem como um deslocamento de sentido em função do modo de produção e do jogo de poder estabelecido socialmente. É como a realidade se materializa nos corpos e como estes reagem a essa realidade, suas ações, posturas e práticas que são corporais e que dialeticamente se relacionam com o trabalho, cultura, lazer e a vida como um todo.

Permite uma proposta de educação corporal que desafia a construção de análises diversas, uma criação e recriação do corpo e das práticas corporais, aprofundando a reflexão crítica sobre a realidade e as possibilidades corporais e emancipadoras. Com isso abordar questões importantes para um desenvolvimento crítico do ser humano e a desnaturalização de alguns conceitos como, por exemplo, o de que a competitividade individualista, dos tempos atuais, seria inata ao ser humano.

Portanto não é somente na escola ou através da educação formal que a Cultura Corporal pode e deve ser trabalhada ou percebida, ela está presente em nossas vidas, na relação do ser humano (corpo) com o mundo. Assim sendo, propostas informais e não-formais podem realizar trabalhos revolucionários ou simples atividades que acabam influenciando na Cultura Corporal de uma localidade ou coletivo. Muitas vezes até sem ter essa pretensão específica, onde agrupamentos humanos, organizados ou não, criam rituais, manifestações, hábitos

corporais e etc., como o caso de associações, projetos, bandas, movimentos culturais, grupos de dança ou capoeira, dentre outros.

Na Vila de Diogo, por exemplo, existe um trabalho feito e organizado por jovens da comunidade que promovem atividades corporais, artísticas e educativas para os próprios moradores da vila. Eles tentam disponibilizar para a comunidade uma biblioteca pública e aulas de surf, capoeira, violão e outros. São jovens preocupados com a nova geração comunitária e que procuram ocupar o tempo ocioso desta nova geração com atividades “positivas” e atrativas, envolvendo principalmente preocupações políticas, ambientais, culturais, artísticas e econômicas da região. Esta movimentação acaba se inserindo e modificando um pouco da cultura local e a cultura corporal da vila.

Movimentos culturais acabam influenciando nos processos educacionais e formativos dos participantes, ainda mais num vilarejo como Diogo. Estes movimentos costumam ganhar força quando conseguem articular a esfera política, social e educacional em seus determinados contextos.

Movimentos assim podem se pautar pela busca da emancipação do ser humano, através da realização e retorno de atividades não alienadas, que sejam livres, que compreendam seus corpos e suas possibilidades enquanto totalidade, e que exerçam práticas sociais, corporais, na perspectiva de um sujeito e uma sociedade melhor, de uma humanidade melhor. Respeitando a individualidade e valorizando a coletividade, compreendendo o movimento materialista, histórico e dialético da vida, pois, como afirma Paula Silva (2009, p. 69), “o homem é criação permanente e desejo insistente, em condições históricas e sociais determinadas”.

A História provou que o homem é um agente cujas propriedades intrínsecas reagem vigorosamente contra a poderosa pressão dos padrões sociais e culturais desfavoráveis. O corpo humano não é como uma folha de papel em branco, tal qual afirmava Locke, em que a cultura pode escrever seu texto. O corpo (homem) é uma entidade com sua carga própria de energia estruturada de determinadas formas, que, ao ajustar-se, reage de maneira específica e verificável às condições exteriores. (PAULA SILVA, 2009, p. 71)

Portanto, identificamos possibilidades reais de transformações necessárias, pois elas dependem do próprio ser humano, de nós mesmos, para que aconteçam. É preciso criar as condições para as mudanças, atuar nos vários aspectos que envolvem a relação do ser humano com o mundo, objetivamente e subjetivamente, de forma com que estas sejam reconhecidas e praticadas com liberdade e consciência dos sujeitos. Entendendo a complexidade e totalidade envolvida no processo e que ele deve ser compreendido dentro do movimento da história.

A educação e a cultura (ou movimentos culturais) assumem um papel importante, através do estímulo e luta por mudanças concretas (objetivas) e pelo combate as várias formas de internalizações, desenvolvendo e praticando valores coletivos e solidários, práticas sociais (corporais) dentro de uma proposta de transformação dos indivíduos e da estrutura sociocultural, juntamente com a luta social e de classe para a obtenção de conquistas objetivas de melhores condições e para a revolução como um todo.

4- A Vila do Diogo: história, cultura e “desenvolvimento”

As relações entre a cultura e o meio ambiente ou cultura e território podem ser verificadas de várias formas, como já identificado nos capítulos anteriores, porém o mergulho no presente histórico pode oportunizar uma análise da realidade, considerando a complexidade deste movimento e as várias influências presentes dentro da dinâmica social.

Com isso, decidimos realizar um estudo de caso de forma com que pudéssemos obter uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada a uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis (André, 2008). O estudo de caso trás algumas vantagens por se configurar um conhecimento mais concreto e contextualizado, com a capacidade de retratar situações da vida real e sua complexidade, além da sua capacidade heurística.

Os estudos de caso também são valorizados pela sua capacidade heurística, isto é, por jogarem luz sobre o fenômeno estudado, de modo que o leitor possa descobrir novos sentidos, expandir suas experiências ou confirmar o que já sabia. Espera-se que o estudo de caso ajude a compreender a situação investigada e possibilite a emergência de novas relações e variáveis, ou seja, que leve o leitor a ampliar suas experiências. Espera-se também que revele pistas para aprofundamento ou para futuros estudos. (ANDRÉ, 2008, p. 34)

A Vila do Diogo foi o local escolhido para o estudo de caso ora apresentado, na perspectiva de uma Educação Ambiental Histórica ou Emancipatória. Compreendemos que esta comunidade nos possibilitaria uma reflexão a respeito das questões levantadas com certa riqueza de possibilidades devido ao fato de se localizar numa região de grandes mudanças desde a década de 1980 pelo menos, a partir de interesses diversos. Mudanças significativas para a comunidade, como: a instalação de um mega complexo hoteleiro nas proximidades; a construção da Linha Verde, uma rodovia que passa próximo a vila e que possibilitou a entrada de veículos no local; as belezas do ambiente no seu entorno e a própria comunidade que ali habita.

Buscamos considerar sua territorialidade, história, cultura e cultura corporal, juntamente com as relações humanas, ambientais e sociopolíticas inseridas no contexto que envolve a vila e sua comunidade.

É na Linha Verde do litoral norte da Bahia, a 100 km de Salvador e a 15 km da Praia do Forte, entre aproximadamente 5 km de Imbassaí e 5 km de Costa do

Sauípe, que está situada a Vila do Diogo, pertencente ao município de Mata de São João.

O município de Mata de São João possui sua sede no interior do Estado e é onde se concentra a maioria da população, porém atualmente a principal atividade econômica é a indústria do turismo, devido aos 28 km do litoral matense que vai de Praia do Forte a Sauípe e é um dos principais destinos do Brasil, segundo o próprio site oficial da prefeitura, além de um grande alcance turístico internacional também.



<http://www.matadesaojoao.ba.gov.br/o-municipio/dados-da-cidade.php>

Este litoral possui grandes complexos hoteleiros e belíssimos atrativos naturais que envolvem a mata atlântica, dunas, restingas, manguezais, coqueirais, lagoas, riachos, cachoeiras e praias paradisíacas, onde a Vila do Diogo se encontra e apresenta algumas destas características. Tudo isso desperta sentimentos, desejos e interesses diversos, onde além do turístico, também o mercadológico e do lazer que geralmente estão articulados.

A Vila do Diogo fica próximo do sofisticado complexo hoteleiro de Costa do Sauípe, mas se caracteriza pela simplicidade de um vilarejo com poucos habitantes e uma riqueza de recursos e belezas naturais ainda “pouco exploradas”. Não é possível avistá-la da estrada (Linha Verde), pois o vilarejo se localiza atrás de uma grande vegetação alta e abundante. Para encontrar a vila, é preciso ficar atento a uma placa logo próxima a primeira entrada, a única placa que aponta para Diogo, pois existem duas entradas para a vila, mas apenas a primeira é sinalizada. Sentido norte, Praia do Forte a Sauípe, sai-se da Linha Verde adentrando numa estrada estreita (à direita da rodovia) de terra batida e vegetação dos dois lados.

A estrada de terra pra chegar à Diogo é por longo trecho despovoada, com algumas placas sinalizando os caminhos para restaurantes, pousadas e campings. Assim segue por quase 300 metros até as primeiras casas, simples como a maioria das outras, algumas delas ainda de taipa ou de bloco sem reboco. Muitas das casas nem possuem cercas e as que têm, geralmente, são cercadas com arames, madeiras, vegetação e/ou muros baixos.

Existem duas vilas próximas e bem diferenciadas, cortadas pelo rio Imbassaí, onde a vila do Diogo fica entre a pista e o rio (praticamente nas margens do rio) e a vila do Santo Antônio que fica entre o rio e o mar (beira mar). São dois povoados muito pequenos onde praticamente todos(as) se conhecem, com poucas casas e moradores, separados pelo rio e pelas dunas (APA – Área de Proteção Ambiental). O acesso à vila de Santo Antônio, até poucos anos, era feito pela praia ou somente atravessando a vila do Diogo, passando pela ponte sobre o rio e andando pelas dunas por volta de 1,5 km, uns 15 a 20 minutos de caminhada. Atualmente já existe um acesso de carro direto da Linha Verde pra Santo Antônio, mas este é considerado ainda ruim, sendo boa parte de areia e casca de coco.

A história da vila e dos moradores do Diogo vem se alterando rapidamente e significativamente, quando consideramos o período desde quatro a cinco décadas atrás, onde a geração dos mais velhos ainda vivos acompanhou essa transição e se tornaram os guardiões deste saber histórico, pois existem poucos registros desta história. Podemos destacar a inexistência, na época, da energia elétrica, de água encanada, de escola, de posto de saúde, dos resorts, de transporte público e da Linha Verde. As mudanças foram acontecendo e atingindo os vários aspectos que envolviam a vida dos moradores, suas relações entre si e com o ambiente.

Enquanto Santo Antônio deveria ter uma média de cinco casas, o vilarejo do Diogo era formado por cerca de quinze a vinte casas de taipa e os moradores se relacionavam como uma grande família. Sobreviviam principalmente da pesca e do coco que eram somados com a criação de alguns animais (galinha, porco, ovelha e etc.) e algumas roças (pequenas plantações de mandioca, feijão e outros), além de algumas casas de farinha. O rio era a grande referência, suas águas eram utilizadas pra tudo, para beber, tomar banho, brincar, lavar roupa, pescar, mariscar e por aí vai.

Enquanto os homens saíam pra pescar, caçar, tirar coco e cuidar da roça, as mulheres iam para a mata tirar a palha do olho da piaçava e depois cozinhar,

deixando secar uns três a quatro dias para preparar pra fazer o trançado que era finalizado na forma de um chapéu ou tapetes de palha, servindo para ser comercializado em outro lugar. As crianças acompanhavam e ajudavam os adultos nas atividades na vila, trabalho e brincadeira muitas vezes chegavam a se confundir. As meninas no artesanato de palha, afazeres domésticos e mariscando, os meninos nas roças e na pesca. Além de brincarem no rio e nas dunas.

As crianças aproveitavam as condições e opções que tinham para criarem brincadeiras e brinquedos, como na confecção de bonecas loiras com os cabelos feitos de sabugos de milho, relatada por Dona Maruzinha, nativa do Diogo com 76 anos:

“nós brincava de boneca, que nós fazia, com uma ajudinha, botava as buchinha nos braços... quando tinha milho, pedia milho ao pessoal aí fazia os cabelos da boneca... aí dizia: fulano é louro... ah você não tem uma filha loira, eu tenho!” (Dona Maruzinha)

Aqui se percebe na prática a íntima relação entre o corpo, a cultura e a territorialidade, onde na brincadeira se expressava um perfil estético de imagem corporal da pessoa branca e loira como se fosse algo distante da realidade próxima, algo diferente e até como uma forma de “superioridade”, fruto de motivações históricas e culturais dentro de uma comunidade de pessoas pobres financeiramente, de pele escura e cabelos crespos.

A brincadeira, assim como outras atividades e práticas corporais (jogos, esportes, danças e etc.) que compõem a cultura corporal, está inserida dentro de um contexto sociocultural e é influenciada por isso. Na fala de Dona Maruzinha fica evidente que este contexto é sempre atrelado a características ambientais e territoriais como, por exemplo, na utilização do milho através da improvisação e criatividade necessária para a brincadeira e condições materiais da época, pois ninguém tinha dinheiro para comprar bonecas naquela época na vila.

Faziam também barquinhos e jangadas improvisados de madeira, carrinhos de lata, bolas com a palha da bananeira e etc.

“Pegava assim aquela capa, aí a gente rodava, enrolava e fazia até que ela ficava grande assim... amarrava, a gente cozia, eu mesmo cozia... amarrava e depois cozia

uma bola que era difícil esbagaçar... tirava aquela capa de fora, a bananeira não tinha aquela capa? Aquela capa seca e enxuga, aí cortava aquela capa e fazia as bola” (Seu Cosme)

O deslocamento para outras regiões era muito complicado e demorado, até porque nem estrada tinha, eram trilhas feitas ou abertas pelos próprios nativos. Viajavam principalmente para Pojuca, com duração de três dias (saíam na quinta pela manhã e voltavam no sábado pelo fim de tarde) sobre cavalos ou burros, onde vendiam as dúzias de chapéus e cocos por trocados que serviam para voltar com um pouco de alimento e outros produtos, como açúcar, feijão, sabão, roupas e etc.. Quem viajava acabava aproveitando para atender as encomendas e pedidos dos outros que ficavam, aliás, prática essa que era comum na rotina dos moradores que se ajudavam quando faltava alguma coisa na casa do outro, seja com uma colher de café, de açúcar, o que fosse.

“Tinha que sair daqui pra Pojuca de cima... vender uma mercadoria, um coco, essas coisa... pra Praia do Forte, vender o coco e comprar uma mercadoriazinha, pra trazer um café, açúcar, um pedacinho de carne, um pedacinho de bacalhau, umas dosezinhas também de cachaça pra curtir a viagem da estrada” (Seu Júlio)

Era um tempo de muita união, compartilhamento, simplicidade e de uma relação mais “direta” ou dependente com o meio ambiente e os recursos naturais, através do plantio, da caça, do fazer a farinha de mandioca, da extração da palha para o artesanato, do catar o licuri pra comer e fazer rosário, da pesca no mar e no rio, das noites de lua cheia que contavam estórias e dormiam nas dunas, das brincadeiras que se concentravam principalmente no rio, da confecção de brinquedos feitos de materiais retirados da mata, objetos diversos e muita imaginação.

As atividades principais da vida, o trabalho, se davam na realidade e possibilidades de um território que lhes proporcionava condições de sobrevivência e a necessidade de uma convivência com práticas coletivas, cooperativas e solidárias. Os valores humanos estavam acima dos outros, quem realmente precisasse de ajuda seria ajudado, se o outro pudesse ajudar, é claro.

“Se sua jangada tivesse o que comer, você comia, se nós trouxesse, você comia, era assim, chegava na beira da costa... cação mesmo, que chama tubarão, aqui nessa praia minha, quando eu me alcancei, ninguém vendia um pedaço, era tudo pra dar pra os pescador... cada um já tinha sua postinha de peixe pra trazer pra casa” (Seu Júlio)

Contudo era também um tempo de dificuldades materiais e necessidades estruturais diversas, como afirma Seu Duel, um nativo dos mais antigos que ainda vive na vila:

“Aquele tempo era tempo de fome, tempo de fartura se pescasse, mas era tempo de fome” (Seu Duel)

A fome muitas vezes batia forte nas portas frágeis das casas de madeira, barro e palha dos nativos. Com muito pouco dinheiro e algumas vezes pouco alimento, as dificuldades surgiam e se somavam a outros problemas e anseios das pessoas.

Não existia escola e a educação formal era quase inexistente, o que acontecia era por conta de algum professor ou morador (quase sempre sem formação acadêmica) que vinha de outro lugar e improvisava umas aulas dentro de uma casa. A maioria dos moradores mais velhos do Diogo é analfabeta ou somente sabem assinar o nome.

A primeira escola foi construída por volta de uns 30 anos e abrangia até a quarta série do ensino fundamental. E devido à dificuldade de transporte, as crianças não tinham a oportunidade de estudar em outros lugares, seja em distritos ou municípios mais desenvolvidos.

O aprendizado acontecia mesmo era no dia-a-dia, sem fragmentação de teoria e prática, na práxis da luta e rotina da sobrevivência, através da relação do seu corpo com a realidade, diante das necessidades e possibilidades de observação e experimentação da vida cotidiana, na vivencia e convivência com os outros e com a natureza. Até porque, como defende Mészáros (2005), a educação é a nossa própria vida, enquanto estivermos vivos estaremos aprendendo algo.

“Antes você ia lutar junto com seu pai pra conseguir as coisas e dificilmente o pai ia pra roça pra não levar o filho, o filho aprendia a pescar, subir no coqueiro...” (Seu Domingos)

E assim acontecia a educação e cultura corporal na vila, através do esforço, da necessidade, da diversão, da orientação dos pais e mais velhos, muito disso pela observação, prática e na oralidade. É o corpo, a cultura e o ambiente em suas relações na prática sendo formativas do ser humano.

Também há cerca de uns 30 anos, a energia elétrica chega à vila, durante o governo de João Durval, onde, na época, os moradores tiveram que escolher entre ter luz ou água encanada. Optaram pela eletricidade, sendo que atualmente a água na vila, em sua maioria, é de poço ou chafariz (como alguns chamam), apesar de já haver trabalhos da Embasa na região, até porque a utilização desse serviço aumentaria os custos.

E assim as mudanças foram acontecendo, aumentando sua velocidade aos poucos, mas já estavam alterando hábitos e o próprio movimento do vilarejo. Até que em 1992, no governo de Antônio Carlos Magalhães (ACM), foi construído a Linha Verde (BA-099), com vistas de interesses exploratórios da região do litoral norte da Bahia, focados principalmente no turismo, comércio e no “desenvolvimento” da região. Com a Linha Verde vieram incentivos e instalações de grandes empreendimentos, a facilitação do acesso e transporte, uma grande movimentação na economia e atração de novos turistas e moradores. Tudo isso provocou uma grande aceleração de mudanças profundas na vida da região como um todo, seja na organização das comunidades, no meio ambiente, na cultura local e etc.. E Diogo não podia deixar de estar incluído neste contexto.

O fluxo de pessoas de fora foi aumentando e criando novas necessidades e oportunidades, principalmente nos feriados, o que acabou reestruturando a organização da Vila do Diogo e toda sua economia, aumentando e fortalecendo o comércio, fazendo surgir mercearias, restaurantes, pousadas, áreas de campings, bares, barracas na praia, novas casas e até uma nova ponte sobre o rio, de ferro e madeira, construída pela prefeitura. Atualmente, no período do verão e feriados o cenário da vila muda, com movimento de carros, som alto, trânsito constante de gente, casas alugadas, restaurantes cheios e etc., modificando um pouco o sentimento de silêncio e tranquilidade que é normalmente transmitido.

Esta mesma época começa a ser marcada por uma preocupação mais atenta ou “retórica” com a preservação do meio ambiente pelos teóricos, ativistas e até o poder público no Brasil. Possivelmente influenciados por uma nova concepção de atuação socioambientalista e pelo discurso do desenvolvimento sustentável que vinha ganhando força (Zhouiri & Laschefski, 2010). Com isso, surgem dentro do planejamento turístico e econômico do estado da Bahia as Áreas de Proteção Ambiental (APAs) e o incentivo a grandes empreendimentos dentro desta idéia.

Nos anos 90, ainda se observou uma maior ação do setor público nas questões ligadas ao meio-ambiente. Nesse sentido, foram criadas diversas unidades de conservação da natureza em regiões turísticas (veja ANEXO 11). Dentro dos diversos modelos propostos pela Lei no. 9.985, para as áreas de potencial turístico, o principal modelo de gestão ambiental adotado, tanto no âmbito estadual como no municipal, tem sido o das Áreas de Proteção Ambiental (APAs). O modelo de proteção ambiental da APA preconiza mais a conservação (uso racional e sustentável dos recursos naturais) que a preservação (manter a natureza intocada pelo homem) dos espaços, numa tentativa de conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental. A idéia é que, uma vez implantada uma APA numa localidade turística, essa passa a ter sua atividade de exploração comercial monitorada pelo Poder Público que a criou, adotando-se como medida concreta, nesse sentido, a elaboração de um plano de manejo para a região, a ser desenhado de acordo com as características ambientais do lugar. Segundo o Centro de Recursos Ambientais (CRA), hoje existem 28 APAs estaduais na Bahia (veja relação ANEXO 12). Dentro deste grupo está a APA Litoral Norte (mapa no ANEXO 13), segunda maior do Estado, situada na zona turística da Costa dos Coqueiros, que compreende as localidades turísticas em que estão instalados o Praia do Forte Ecoresort e o Complexo Costa do Sauípe. (CARDOSO, 2005, p. 136)

A Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte (APA-LN) é criada no mesmo ano em que é aberto o processo de licitação para a construção da Linha Verde (1992), com o objetivo de controlar possíveis impactos negativos provenientes da implantação desta rodovia que se prolonga até a divisa com o estado de Sergipe. A APA-LN teve seu Plano de Manejo aprovado somente em 1995, tendo em vista a preservação dos recursos naturais e culturais ali existentes, estendendo-se do Rio Pojuca ao Rio Real, numa área de aproximadamente 1.400 km², com 142 km de extensão e 10 km de profundidade, abrangendo cinco municípios: Mata de São João, Entre Rios, Esplanada, Conde e Jandaíra. Esta APA compreende a região de dunas que separam Diogo de Santo Antônio, ou melhor, entre o rio e a vila do Santo Antônio.

O que podemos perceber é que na realidade esta APA foi criada como uma forma de garantir o avanço turístico. Ela serve para amenizar impactos e

proporcionar um ambiente turístico para ser vendido e comercializado de acordo com os interesses políticos e econômicos, não necessariamente ambientais, voltados principalmente para um público consumidor estrangeiro.

Através destas novas condições, com os incentivos e os vários interesses na região, começam a aparecer e se instalar no litoral matense os grandes complexos hoteleiros considerados de alto padrão e luxo. E com certeza não eram pra hospedar ou oferecer seus serviços aos nativos. Os atrativos de uma região litorânea e pouco desenvolvida economicamente acabaram sendo uma combinação perfeita para políticos e empresários do ramo.

O foco no *resort* de praia é justificado por duas razões básicas. Em primeiro lugar, o turismo de praia tem sido, nas últimas décadas, o segmento de maior dinamismo (ROSA, 2002; BSH, 2004). Além disso, de acordo com percepção generalizada, trata-se do segmento no qual o Brasil tem maior potencial de atração para o turismo externo. Podemos citar ainda que os *resorts* de praia tendem a se desenvolver em regiões que apresentam poucas oportunidades econômicas e na proximidade de localidades pequenas, muitas vezes carentes de recursos, onde os impactos na comunidade podem ser evidenciados de forma mais direta. (CARDOSO, 2005, p. 29)

Nesta combinação de grandes empreendimentos, devastação ambiental e impactos em comunidades, os representantes do poder público e os grandes empresários costumam conquistar prestígio (ou aprovação local) e a realização de seus interesses políticos e financeiros. As ilusões e fetiches provocados nas comunidades com a chegada destes empreendimentos são reforçados pela oferta de empregos, porém acabam se concentrando em (sub)empregos com mão de obra barata. Com isso, o poder público parece se considerar “isento” de suas obrigações sociais perante a região e as comunidades ali presentes, transmitindo a responsabilidade para o turismo e mercado de trabalho, como se os mesmos pudessem assumir tal função.

Em Praia do Forte já tinha sido construído um grande hotel desde 1985. Porém foi principalmente depois da Linha Verde que ganha força o movimento turístico no litoral norte e a construção dos complexos hoteleiros, como os de Sauípe e Imbassaí.

O Costa do Sauípe, complexo hoteleiro próximo a Vila do Diogo, iniciou suas obras em 19 de dezembro de 1996 e inaugurou a primeira etapa em outubro de 2000, utilizando, em sua maioria, trabalhadores de outras localidades. “O aproveitamento da mão-de-obra local se deu apenas para as atividades que exigem

menos preparo, tais como: capina e roçado, ajudante de pedreiro e etc.” (Cardoso, 2005, p.148). O Complexo está sendo implantado na Fazenda Sauípe, envolvendo interesses antigos do poder público e da Odebrecht S.A., empresa que era dona de uma boa parte do local e que realizou um estudo de caracterização da região.

O Costa do Sauípe é um projeto turístico-hoteleiro, com prazo de 20 anos para a implantação da sua última etapa, voltado para os mercados turísticos nacional e internacional. O projeto inicial prevê a disponibilização de aproximadamente 65.366 leitos, através da construção de 62 hotéis com padrões de conforto 3 a 5 estrelas, 60 pequenas pousadas, com no máximo 50 quartos, 04 acampamentos, além de Centros de Convenções, casas comerciais, restaurantes, equipamentos esportivos, culturais, de entretenimento e lazer.

Considerado o maior pólo de turismo, lazer e negócios da América do Sul, a primeira etapa do Projeto Costa do Sauípe foi inaugurada em outubro de 2000. Distante aproximadamente 76 km do Aeroporto de Salvador, através da BA-099 (Linha Verde), o Complexo Costa do Sauípe hoje conta com 5 hotéis de bandeiras internacionais (Renaissance Resort, Marriott Resort & Spa, Sofitel Suítes & Resort, Sofitel Conventions & Resort e SuperClubs Breezes), 6 pousadas temáticas, restaurantes, estrutura poli-esportiva e um centro de entretenimento (com hípica e campo de golfe). Já foram lançados 2 condomínios residenciais sendo que o primeiro já foi totalmente vendido e o segundo está em fase de vendas. (ANDRADE et al, 2003). (CARDOSO, 2005, p. 148)

Foi necessário um Estudo de Impacto Ambiental (EIA), como afirma Cardoso (2005), identificando previamente os impactos negativos sobre o ambiente físico, biótico e social, para a obtenção do licenciamento ambiental, ainda mais por se tratar de uma área localizada em uma APA.

Vários problemas foram detectados pelo estudo (EIA), onde destacamos a ênfase nas condições precárias no que se refere ao saneamento básico, saúde e educação das comunidades locais, além da criação e intensificação de impactos negativos no entorno da área do projeto, em Porto de Sauípe, devido à explosão demográfica causada pelos operários e interessados de outras regiões.

De acordo com a realidade constatada, a Odebrecht e o Banco do Brasil criaram alguns projetos socioambientais e o Instituto da Hospitalidade (IH), este último realizou uma pesquisa de mapeamento do perfil socioeconômico da região e conseqüentemente algumas ações, como: transformação do Colégio Estadual Alaor Coutinho (situada em Açú da Torre, Mata de São João, próximo a Praia do Forte) em uma escola de ensino médio; promoção de cursos pelo próprio IH, pelo SEBRAE e pelo SENAC; Incentivo a formação de associações. Sendo que a pesquisa e algumas dessas ações tiveram presença na comunidade do Diogo.

Desde o início das obras de construção do Complexo, em 1996, a Fundação Odebrecht, em parceria com a Fundação Banco do Brasil e apoio de outras entidades, criou o Instituto da Hospitalidade (IH). O IH é uma instituição de educação e de assistência social, constituída sob a forma de associação civil sem fins lucrativos e de interesse público (hoje conhecida como OSCIP), cujo objetivo é promover a educação e a cultura da hospitalidade, para aprimorar o setor de turismo, de modo a impulsionar sua contribuição para o desenvolvimento sustentável do Brasil. Atualmente são cerca de 200 entidades e 300 voluntários que estão diretamente engajadas nos seus Programas e Projetos. (CARDOSO, 2005, p. 151)

Estas medidas representam de certa forma o cumprimento de exigências contidas na licença ambiental, buscando amenizar impactos previstos nas comunidades próximas, por isso as ações acabam se concentrando principalmente em Vila Sauípe e Porto Sauípe. Entretanto geralmente desconsideram variáveis de longo prazo imprevisas e/ou desvalorizadas que afetam as vidas ali já presentes além da possibilidade de fraudes e acordos políticos comumente identificados na história brasileira.

Atualmente Diogo possui uma associação referente ao artesanato de palha, formada por volta de dez anos, incentivada pelo SEBRAE e ainda recebeu um curso para aprimorar acabamentos e ampliar uma variedade de produtos da palha a serem vendidos. Antes eram produzidos apenas chapéu e tapete, e agora produzem também bolsas diversificadas e outros produtos. Chama-se *Associação dos Artesãos do Diogo, Areal e Santo Antônio*, pois tinham artesãs dessas três localidades, mas atualmente ninguém do Santo Antônio está participando, preferindo vender seus produtos na sua própria vila somente. Esta associação compõe, juntamente com mais cinco associações das comunidades vizinhas, uma cooperativa de artesãs.

Vale ressaltar que o SEBRAE e outros órgãos do tipo costumam descaracterizar os modos tradicionais, servem para implementar modelos e padrões de mercado e conseqüentemente preparar a população as exigências do capital.

Contudo, o fato de ampliarem os produtos e se organizarem em associações e cooperativa alteram significativamente a cultura do artesanato de palha e a cultura corporal das mulheres da região. Elas passam a assumir uma importância socioeconômica muito maior em seus lares e na comunidade de modo geral, criando um novo atrativo de visitação e consumo na vila. Essas mulheres reorganizam suas vidas e seu tempo, não resumindo mais a sua função social apenas nos afazeres domésticos e ainda possuindo um novo poder de articulação coletiva.

As artesãs conseguem vender seus produtos em alguns resorts da região e aproveitam para divulgar seu trabalho e a vila internacionalmente. Algumas vezes chegam até a participar de eventos em outros estados. Com os resorts também, juntamente com o aumento do movimento na vila, ampliou-se as oportunidades de trabalho e fontes de renda para os moradores, fato este que faz com que os tempos atuais sejam avaliados por uma maioria como um período melhor em relação há tempos passados, quando muitos nativos saiam para outras regiões como São Paulo, Brasília e Salvador em busca de empregos e melhores condições financeiras.

Estas alterações e influências também alteram tradições e relações diversas criadas e perpetuadas ao longo da história anterior da vila, seguindo o movimento dinâmico histórico-cultural abordado nos capítulos anteriores. Essa dinâmica pode ser considerada positiva ou negativa a depender da perspectiva analisada.

De modo geral, a vila do Diogo atualmente possui praticamente três ruas, uma escola relativamente nova e uma quadra esportiva (junto à escola), duas mercearias, uma lan house, três pracinhas, um campo de futebol de barro (mais próximo da pista do que da vila), três igrejas (católica, batista e maranata), dois campings, uma associação de moradores, a associação dos artesãos, um ponto cultural e alguns bares, restaurantes e pousadas. Estes são alguns dos lugares que se destacam no cenário e na movimentação dos moradores do Diogo e turistas na vila, possuindo ainda duas pontes sobre o rio que fazem a ligação até as dunas, sendo uma de madeira construída pelos próprios moradores e a outra de ferro (principal) construída pela prefeitura.

As pessoas (os corpos) em sua maioria são mestiças, possuem a cor da pele escura ou escurecida pela exposição freqüente ao sol, usando chinelos de dedo ou descalços, devido ao calor e o chão de terra. Os homens costumam andar normalmente sem camisa e de bermuda e as mulheres de saia e roupas leves. A mudança destas vestimentas ocorre geralmente em ocasiões especiais, ida aos cultos religiosos ou trabalhos (empregos) que exigem de alguma forma esta mudança, sendo que essa possibilidade e variedade de roupas aparecem hoje como um privilégio das novas gerações, fato das últimas décadas da história dos moradores da comunidade, pois as pessoas não tinham muita roupa disponível. Quando Seu Duel, por exemplo, lembra dos períodos de festas:

“Em tempo de festa, você ia hoje de noite pra uma festa e quando chegava no outro dia tirava aquela roupa pra ou a mulher ou a mãe lavar pra ir de noite pra outra festa, que não tinha duas mudas de roupa.” (Seu Duel)

As festas aconteciam praticamente apenas duas vezes no ano, diretamente ligadas à religião católica que era a única presente na região, quando eram as festas dos dois padroeiros da vila: Nossa Senhora da Conceição (em janeiro) e São Francisco de Assis (em outubro). E assim se seguia na região, cada localidade com seu santo ou padroeiro e conseqüentemente sua festa, como a festa pra Santo Antônio na vila de Santo Antônio, por lá também acontecia uma festa pra São Cosme promovida por uma família da vila e as festas, tanto em Diogo como em Santo Antônio, contava com a presença dos moradores das duas vilas.

Nessas festas, geralmente chamavam uma banda ou tocadores que faziam o som e muitas vezes dormiam por lá, chegando a tocar até duas ou três noites, era um violão e/ou poucos instrumentos e a música que tocasse era dançada e apreciada pelos participantes. Aconteciam em um espaço fechado, tinha bebida (vinho ou cachaça), mas não existiam brigas.

“A festa era de noite, agora quando tinha missa, a festa da missa dançava a noite toda... a missa era sempre de manhã, seis sete horas... quando terminava a missa ia pra festa, dançava o dia todo e entrava pela noite, festa de dançante, mas não era festa como hoje não, pulando solto, era festa de dançar, tinha uma moça assim e você falava vamos dançar, vamos, dançava sério, o casal, dançava assim” (Seu Duel)

Atualmente as festas em Diogo são mais freqüentes e diferentes, além dos dias dos padroeiros e outras festas mais tradicionais como o carnaval, São João e o ano novo, foram modificando as formas de festejos, desaparecendo algumas coisas e surgindo outras, como os festivais organizados pelos moradores. O lado religioso está sendo cada vez mais desvalorizado ou menos enfatizado. Com músicos, bandas e tocadores do Diogo mesmo e alguns convidados de fora. Acontecem em um espaço aberto, uma espécie de encontro das ruas com um pequeno jardim triangular que tem uma árvore no meio, demarcando os sentidos do fluxo do trânsito e sendo considerado como a praça principal da vila. As brigas e o uso de drogas

lícitas e ilícitas já são percebidos e algumas vezes até com certa freqüência, principalmente entre os jovens.

Assim como alguns costumes, brincadeiras e outras atividades, essas festas já vêm passando por alterações recentes e constantes, próprias da dinâmica cultural em que a vila está inserida.

Da mesma forma, alguns festejos típicos deixaram de existir dando lugar a comemorações de outras localidades. Como aconteceu com o Ano Novo que era comemorado na vila de forma diferente. Chamavam de “Enterrar o Ano”. Os moradores colocavam uma boneca dentro de uma caixa de madeira e a meia-noite se reuniam e jogavam a caixa junto com flores no rio. Assim, a cultura e a tradição foram se perdendo. Poucos são os festejos que ainda prevalecem, como é o caso das quadrilhas no São João e da “Ximbugada” no carnaval, momento em que os homens se vestem de mulher, raspam a sobrancelha e seguem um trio improvisado em uma camionete rodando por toda a vila. (CHAVES & DIAS, 2005, p. 15)

Quando perguntado aos mais velhos da vila sobre as brincadeiras de hoje, respondem que as brincadeiras de agora são as festas, falam com certo sentimento de desaprovação ou até desprezo, provavelmente por não gostarem das características com que os festejos atuais estão assumindo. Na verdade recriminam mesmo é a violência e o uso de drogas que nas festas da região como um todo acabam ficando mais evidentes na atualidade.

Porém quando conversamos sobre as brincadeiras e diversões que existiam antigamente, começam a se lembrar com saudosismo e alegria dos feitos, travessuras e artimanhas que utilizavam, das relações diferentes de hoje que tinham com os outros e com o ambiente, onde, apesar das grandes dificuldades da época, acabam admitindo aspectos positivos daquele tempo.

“Era bom, mas era um tempo muito difícil” (Seu Duel)

As brincadeiras, como toda manifestação da cultura corporal, costumavam expressar a materialidade da cultura vivenciada por eles, de acordo com as condições e possibilidades que tinham, expressando a realidade e as possibilidades do local. Podemos perceber essa relação nas falas de Dona Maruzinha, quando ela se lembra das brincadeiras da época:

“pegava um pedaço da palha do coqueiro, botava uns caçoá velho, que não era caçoá, era casca do coco, que a gente parte o coco, fazia caçoazinho... nós fazia

imitando aquele... bora pra Pojuca de cima comprar açúcar e café! O açúcar e o café era areia” (Dona Maruzinha)

Como as atividades da vila se davam muito em função da própria subsistência ou sobrevivência e as crianças acompanhavam os adultos nas tarefas diárias, muitas vezes se trabalhava brincando e se brincava trabalhando, seja na mariscada, na pescaria, no catar licuri e etc.

“A gente ia um bucado de gente catar licuri, cantava brinquedo de roda, cantava roda, trabalhando e cantando roda... hoje em dia as meninas nem sabe o que é roda” (Dona Martina)

Em outros momentos também aconteciam brincadeiras, principalmente quando iam para o rio, possibilitando uma liberdade criativa e imaginativa dentro das condições e relações socioambientais existentes. Jogavam “Castanha” (parecido com o jogo de gude, mas com a castanha do cajú), brincavam de “Cacos” (como se fosse o brincar de casinha, com casca de coco), de “Se escondê” ou “Condê”, “Pular corda”, “Boto” e outras, além de, por exemplo, caçar passarinho, macaco, tartaruga e ovos para comer. São poucas essas brincadeiras que ainda persistem na vila, seja pela dinâmica cultural ou até por limitações e proibições ambientais.

Mas a hora de brincar era a mais esperada. “Boca de forno”, “Veado”, “Cuscuz”, “Esqui nas dunas”, “Corumbá”, “Valeu” e muitas outras eram a diversão da garotada. Poucas são as brincadeiras dessa época que ainda existem. Hoje elas foram trocadas pelo futebol, surf, etc. (CHAVES & DIAS, 2005, p. 14-15)

As crianças ainda continuam brincando no rio, nas ruas, em todos os lugares, afinal de contas são crianças também e tem um ambiente de opções rico pra isso. Possuem e utilizam sua criatividade e imaginação para inventar e criar brinquedos, brincadeiras e atividades diversas, mas já o fazem com intensidade e forma diferente, não possuindo a mesma necessidade que antes, aos que hoje são os “avós” ou “bisavós”, tinham para poder se divertir. Atualmente as coisas já chegam prontas, bonecos e bonecas, o videogame, a bicicleta, o computador e etc. o que faz surgir outras necessidades e desejos.

Devido a vários fatores e as várias formas de internalizações, principalmente a mídia televisiva, alguns esportes, marcas e novos hábitos vão surgindo e influenciando na cultura e na cultura corporal dos moradores do Diogo. Algumas práticas corporais antes valorizadas vão assumindo menos importância e novas práticas, interesses, discussões, desejos, ídolos e referências vão surgindo.

O futebol é um esporte de destaque, bem praticado e apreciado entre os homens, onde uma ou duas vezes durante a semana jogam no campo de barro próximo à pista e outras duas vezes jogam também na quadra junto à escola, além da ocorrência de campeonatos e de alguns “babas” que podem acontecer também nos finais de semana na praia. No campo costumam jogar geralmente os adultos ou jovens “selecionados” e na quadra, construída tem poucos anos juntamente com a reforma da escola, o público praticante costuma variar mais a idade, com jovens, adolescentes e alguns adultos. A criançada joga em outros momentos na quadra ou em campinhos improvisados de terra.

As discussões e resenhas sobre times e campeonatos já é algo freqüente na vila, onde muitos já possuem acesso a canais de transmissão de jogos fechados ou pagos e acompanham, torcem e defendem seus respectivos clubes que podem variar de times regionais, nacionais e internacionais. Alguns moradores costumam se destacar, participando ou sendo cobiçados por times, como na seleção de Mata de São João e até a possibilidade de ir jogar no sul do país, fato que é visto como grandes oportunidades pessoais.

O surf é outro esporte que merece um destaque. Apesar de ter que fazer a travessia das dunas é uma prática corporal que ganhou força entre os jovens do Diogo, pois a praia possui opções para banhistas e para surfistas poderem curtir da forma que desejarem. Pode-se afirmar que, principalmente, através do surf e do surgimento das barracas de praia a cultura corporal e relação dos moradores do Diogo com o mar e com a praia começa a se alterar em comparação com as gerações anteriores. Evidenciando inclusive um sentimento e cuidado com a preservação e limpeza do meio ambiente.

Assim vamos percebendo as mudanças na história, cultura e cultura corporal da vila, onde brincadeiras, esportes e outras práticas são criadas e recriadas ou incorporadas ao que já existia. Tudo isso se deve a dinâmica social, sendo influenciada diretamente pelo movimento da história e a materialização dessa realidade e relação com a natureza na cultura, nas práticas corporais e nos corpos

das pessoas. Diante destas várias alterações surgem movimentos internos, desorganizações e reorganizações culturais, principalmente na perspectiva da cultura corporal em que expressam outras possibilidades para a comunidade.

Antes a comunidade do Diogo se relacionava com a praia praticamente só através da pesca, da necessidade de ir ao mar buscar o alimento com a pescaria, e dessa relação acabavam surgindo outras formas de relacionamento com a praia, com os bichos que ali estavam e apareciam, além da possibilidade da ocorrência de uma espécie de “feira” na própria praia quando havia fartura de peixes. De modo geral, eles satisfaziam suas necessidades e desejos com o rio e suas possibilidades.

*“A gente só ia na praia pescar, pescar com a vara, pegar pinaúna quando era aquela maré grande, pra pegar pinaúna e pescar... dia de domingo pra ir pra praia não ia... eu nasci e me criei tomando banho do rio, bebendo água do rio e tomando banho”
(Seu Valdir)*

Atualmente a praia, na maioria dos dias, é vazia, sendo movimentada pelo comércio das barracas, poucos turistas consumindo ou passeando, e os surfistas andando pela areia ou no mar em busca de ondas. A busca do lazer na praia aos finais de semana já aparece com certa normalidade entre os jovens da comunidade. Porém poucos são os nativos que ainda pescam e a juventude não demonstra muito interesse em aprender ou assumir a pesca como uma atividade de importância em suas vidas.

Este desinteresse pela pesca e outras atividades que caracterizavam práticas na história da comunidade se deve a toda essa nova configuração da região, onde este novo movimento turístico e mercadológico é acompanhado por outras oportunidades de empregos e formas de ganhar dinheiro, sendo influenciada por uma lógica de dominação que vem de fora pra dentro da cultura da comunidade, desvalorizando ou sub-valorizando a história e cultura local. A própria educação formal na vila não dá o devido valor à cultura local, não é ensinado na escola a história da comunidade e os mais velhos, que também vão sendo desvalorizados, acabam guardando este saber, até porque muito dessa história só pode ser identificada através da oralidade.

Há alguns anos vem acontecendo na vila do Diogo algumas aulas fora do âmbito escolar no que envolve aspectos culturais, corporais, ambientais e

educacionais. São aulas de violão, capoeira, surf e outras atividades organizadas e ministradas por alguns jovens moradores e nativos do Diogo, de forma gratuita e para a própria comunidade. Eles administram o Ponto Cultural Diogo (o que é diferente do Ponto de Cultura do programa do governo federal) que, apesar da boa intenção e vontade dos organizadores, passa por dificuldades materiais de ser mantido, como comenta um dos principais responsáveis pelo trabalho, Jocimar Moura, em desabafo feito e publicado na Revista Praia, devido às dificuldades de se obter recursos e formas de apoio:

(...) o PONTO CULTURAL DIOGO, é um projeto da ONDA VERDE (ASSOCIAÇÃO DE SURF E SALVAMENTO AQUÁTICO DA LINHA VERDE), que funciona como biblioteca comunitária, espaço para palestras, cursos, aulas de violão, etc. aberto a comunidade e funciona através de apoio de pessoas físicas, empresas ou poder público, quer dizer esse último até agora ainda não deu as caras ou pelo menos como deveria, sem esse apoio fica inviável o funcionamento das atividades e manutenção do PC DIOGO, pois o PC Diogo não tem fins lucrativos, não cobra qualquer taxa para os participantes da atividades por ele disponibilizada, não comercializa produtos, etc. (MOURA, 2012, p. 14)

Esses jovens são os mesmos que se colocam a frente dos principais eventos que acontecem na vila, tentando proporcionar oportunidades para a juventude da comunidade de ter acesso a atividades culturais que possam de alguma forma contribuir para um desenvolvimento individual e coletivo das pessoas moradores do Diogo. Ou mesmo amenizar os problemas atuais que a região vem detectando, onde o aumento progressivo da violência e do tráfico e uso de drogas são apontados como principais a serem enfrentados.

Estamos vendo a cada dia o aumento da violência, do consumo de álcool, furtos, roubos, tráfico de drogas, crimes hediondos, etc. estampando capa de grandes jornais do estado da Bahia, como foi o caso da praia do forte na semana passada, cada dia que passa o medo e a insegurança toma conta da população e a nossa juventude e o que está fazendo, com quem está andando, o que está aprendendo? Como diz o ditado “mente vazia é oficina do diabo” ou nos dias de hoje “mente vazia é paraíso dos traficantes”! (MOURA, 2012, p. 14)

O P.C. Diogo realiza este trabalho visando o enfrentamento destes problemas, mas identificam que o problema é mais abrangente, defendendo a necessidade de investimentos e melhorias em áreas como a saúde, o esporte, a cultura e a educação.

Na educação, houve uma mudança considerada importante pela comunidade do Diogo. Por volta de uns seis anos a escola foi reformada e ampliada, abrangendo

agora até a oitava série do ensino fundamental e manteve o antigo nome de São Vicente. Quem quer continuar os estudos tem que se deslocar para a escola de outra região que tenha o ensino médio, geralmente para o Colégio Estadual Alaor Coutinho e futuramente poderá optar por um colégio em Imbassaí que está em processo de ampliação.

Na época, o prefeito deu a opção de escolha para a comunidade do Diogo entre a construção da escola ou o calçamento das ruas. Somente neste ano de 2012 é que estão acontecendo às obras para o calçamento das ruas, iniciadas no final do ano passado, dessa vez sem opções para escolha, apesar de possuir alguns moradores que preferem que as ruas continuem de terra.

O sistema de saúde ainda é precário, ou melhor, praticamente inexistente dentro da vila. O posto de saúde mais próximo é em Imbassaí e se houver uma emergência mais grave somente em Praia do Forte ou em Salvador. Antigamente, como relata Dona Maruzinha, mulheres grávidas chegavam a morrer nos períodos que o homem viajava pra Pojuca, devido a problemas e a falta ou dificuldade de socorro. Hoje em dia, segundo Dona Graça, tem a possibilidade da vinda de uma ambulância de Praia do Forte e um acompanhamento mínimo de médicos do posto de Imbassaí aos idosos, com problemas de saúde, e eles ainda trazem alguns remédios. Na vila tem apenas um agente de saúde e que atua em Diogo e Santo Antônio.

Alguns investimentos estão ocorrendo na região como um todo, mas, diante da realidade estrutural e dos contrastes sociais, ainda é pouco, entretanto, com a facilidade de transporte, uma localidade com uma estrutura melhor acaba ajudando ou influenciando a outra. Já as mudanças nas relações socioambientais e culturais são gigantescas, se analisadas na perspectiva da velocidade com que vem acontecendo, e se tornam muito complexas quando se tenta avaliar na totalidade em que a vida humana está inserida.

“Hoje ta melhor numas coisas e pior em outras, porque quando o progresso chega, chega o bom e o ruim né?” (Dona Martina)

As transformações costumam ser consideradas positivas no que tange aspectos ligados aos fatores econômicos e estruturais da região, ou seja, na criação de empregos, no aumento da renda, no acesso a bens e serviços diversos, na

facilidade de deslocamento e comunicação para outras regiões, etc.. Aliás, vale à pena destacar que o foco das medidas causadoras destas transformações sempre teve prioritariamente objetivos e interesses econômicos e financeiros diretamente envolvidos, seguindo a lógica societária capitalista de desenvolvimento, influenciando no modo cultural local e, conseqüentemente, na forma de agir e pensar dos moradores.

“Hoje quem tem a unha maior sobe na parede, quem não tiver desliza e cai... que é um querendo furar o olho do outro!” (Seu Domingos)

Com isso há um preço a se pagar. São identificadas mudanças significativas no que tange as relações humanas, influenciando e transformando relações sociais, ambientais e culturais.

O chamado “progresso” tão desejado por muitos vem aparecendo como uma espécie de avalanche, principalmente nos últimos vinte anos, na vila do Diogo e alterando as várias relações e condições presentes que influenciam nas dimensões formativas do povo, da comunidade. Modificando-as, podendo ser estas consideradas como positivas ou não.

Este “desenvolvimento” assume as características dominantes que envolvem a sociedade atual e não costuma ser questionado quanto à existência de outro tipo de desenvolvimento possível, que traga os benefícios necessários, mas que respeite um modo de vida próprio existente, que tem suas particularidades, que é histórico e cultural. Características como individualismo, forte competitividade, busca pelo lucro e outras são cada vez mais comum no dia a dia da vila.

Antes era comum a organização de mutirões para as várias atividades na vila, no descascar das mandiocas e nas casas de farinha, nas construções de novas casas, nas roças e vários outros exemplos em que se precisasse de mais pessoas pra ajudar. Atualmente um mutirão é coisa rara, como foi o caso na reforma da ponte de madeira em setembro de 2011, o individualismo e as novas exigências da vida contemporânea “determinam” uma nova organização do tempo e prioridades, dificultam até uma visita aos amigos das comunidades próximas, como comenta Seu Domingos:

“Hoje cada um ta cuidando do seu, então acabou, que aquele tempo você tinha um tempo pra ta na casa dos outros... hoje você não vê mais... hoje ou você corre atrás ou fica na estrada!” (Seu Domingos)

O relacionamento entre as pessoas e com ambiente vem se alterando aos poucos, assumindo novos significados e importância para os moradores, se aproximando cada vez mais com algumas características percebidas em grandes cidades, mudando suas atividades principais, sentimentos e desejos a serem alcançados. Segundo alguns dos mais velhos, a nova geração não valoriza o que tem hoje, pois não enfrentam as mesmas dificuldades que eles tiveram, não precisam trabalhar como antes e ainda não dão o devido valor às condições atuais.

Com o processo de mudança de atividades e a nova organização do espaço da região, mudanças socioambientais são apontadas como problemas, principalmente quando lembrados de algumas tarefas que faziam com despreocupação e naturalidade. Hoje enfrentam dificuldades pelas leis ambientais, pela venda das terras (propriedades privadas) e pelas grandes áreas que foram desmatadas pelos hotéis onde, por exemplo, podemos verificar na situação enfrentada pelas artesãs, com a questão da piaçava, forçando-as terem que comprar a palha de outros lugares, como Porto de Sauípe, e conseqüentemente aumentarem os preços dos produtos vendidos. Como comenta Dona Martina e Dona Edileusa (vice-presidente da associação das artesãs):

“Esses pessoal que bota esses hotel acabaram com os lugar que a gente tirava palha e os quem tem ao redor não deixa ninguém tirar, não querem que tire... tem lugar mesmo, a gente passa aqui nessa linha verde, nessa pista aí, você olha pra um lado, olha pro outro, e só vê aqueles pé de piaçava, a gente ta vendo mesmo os olho de palha bonito, dá vontade da gente tirar... não deixam, ta tudo de arame, cercado ao redor tudo, já tem dono, a linguagem é deles, não quer que ninguém entre pra tirar” (Dona Martina)

“A gente ta indo pra Porto de Sauípe comprar, comprar palha. Daqui a uns dias não tem não, acho que esse verão aí vai faltar palha, porque em todos os hotel aí a gente tem ponto pra vender, então tem que ter bastante produto” (Dona Edileusa)

Esta constatação já tinha sido feita por Cardoso (2005) em estudo feito na região, compreendendo algumas mudanças na relação com o ambiente, relações mercadológicas e os impactos dos grandes Resorts na região:

Cabe alertar que as matérias-primas para o artesanato – piaçava e o licuri, espécie de linha utilizada para fazer a costura nas peças de artesanato - já começam a estar em falta. Os motivos residem no fato da colheita do material começar a ser terceirizada, levando pessoas com menos experiência a fazer a colheita de forma predatória. Outra razão importante é o aumento de demanda de materiais e a proibição de acesso a algumas propriedades – que inclui a área do Complexo Costa do Sauípe. (CARDOSO, 2005, p. 185)

A insustentabilidade do sistema capitalista começa a se destacar no cenário da região. Situação parecida com essa da palha é encontrada no caso da extração da madeira para fazer as jangadas pra pesca, pois já não encontram mais a madeira apropriada na região e as poucas que ainda existem estão em propriedades privadas.

“Hoje não pode tirar um pau na mata porque é o meio ambiente, não pode tirar, quer dizer... uma coisa que é pra o povo... não pode tirar, mas os hotel pode desmatar, por exemplo, no Imbassaí, o hotel é o dono do rio!” (Seu Valdir)

O acesso aos recursos naturais começa a ser regulado, dominado, apropriado, e a desigualdade se expressa de forma evidente, interferindo na dinâmica histórica social da vila e da região como um todo.

O risco de poluição com a implementação dos Resorts é uma preocupação permanente desde o surgimento dos mesmos e debates realizados entre as comunidades, técnicos e ambientalistas. Apesar de que em Diogo este risco aparentemente não é verificado, a preocupação se justifica por ser uma realidade em outras localidades da região.

Contudo os maiores impactos causados pelos resorts na pesca advêm da poluição dos rios gerada pelos mesmos. Este é um problema específico de Vila Sauípe, localidade que recebe o esgoto do Complexo, em local batizado pela comunidade de “pinicão”. (CARDOSO, 2005, p. 187)

Os grandes empreendimentos causam impactos inevitáveis em relação aos aspectos socioambientais e culturais da região circunvizinha. Proporcionam ofertas

de empregos, em sua maioria sazonais, que atraem a juventude e alteram a dinâmica das atividades produtivas nas comunidades.

Tudo isso vai se somando ao contexto das grandes mudanças e influências na região, onde não existem mais as casas de farinha e são cada vez mais raros os pescadores, os tiradores de coco, as mulheres lavando roupas no rio, as roças, a criação de animais como antes e etc.. A terra vem perdendo o seu valor em relação à organização simbólica da vida e o dinheiro vai adquirindo maior importância.

“Hoje em dia não, quem tem comeu, quem não tem morreu!” (Maruzinha)

A realidade atual é vista de modo geral pelos mais velhos com bons olhos, apesar de não ser um consenso, uma maioria defende a idéia de que o lugar está bem melhor do que antes.

“Eu pra mim melhorou... pra mim todos esses melhorou, porque o que eu passei não quero que meus filhos passe, o que eu sei não quero que meus filhos aprenda, nem pescar nem tirar coco, porque é vida de escravo, só o que me interessa é aprender o que eu não aprendi, que é a ler, porque hoje o dinheiro ta por aqui” (Seu Júlio)

Independentemente do fato das mudanças serem encaradas como “positivas”, algumas atividades culturais características da região vão possuindo outros significados, vão se modificando e se desvalorizando, seguindo a lógica cultural dominante. E assim valores e prioridades vão se alterando e, conseqüentemente, a história e a cultura da comunidade também.

Apesar deste sentimento de melhorias entre as pessoas, identificam alguns problemas que surgiram na região, onde os principalmente apontados são a criminalidade, a violência e as drogas. Com a vinda dos Resorts, os moradores da região como um todo começaram a se mobilizar e a fundar associações de moradores, na tentativa de conseguirem os direitos e melhorias para suas comunidades, porém obtiveram poucas conquistas e, diante dos problemas mais recentes, se mobilizam agora para fundar conselhos comunitários de segurança que já existem em algumas localidades, inclusive em Diogo.

Os moradores compreendem a importância de se organizarem em prol da comunidade, porém, como afirma Seu Domingos, existe uma dificuldade atual na

dedicação de tempo e disponibilidade da maioria para se envolver nestas questões coletivas, visto que cada um tem seus problemas e demandas individuais, pessoais, a cumprir e a priorizar.

As ilusões e fetiches provocados pelo capitalismo, juntamente com as várias formas de internalizações e influências, direcionam a vida, as rotinas, em sentidos cada vez mais individuais e menos coletivos. Assim, facilitam uma adaptação ou acomodação com a realidade e dificultam formas de organização coletiva ou tornam secundária a luta pelo bem coletivo.

A juventude aparentemente mais crítica da região tenta se organizar de outras formas e acredita que a solução dos problemas deve ser enfrentada de forma abrangente, porém ainda não “atacam” na essência dos problemas, como podemos perceber através da opinião de Moura:

Na minha visão, temos que investir na educação, na saúde, no esporte e na cultura, pois só assim conseguiremos ocupar a mente dos nossos jovens de hoje, para que tenhamos cidadãos no futuro, não estou aqui querendo dizer que os conselhos de seguranças não são importantes, muito pelo contrário, mas acho que essa é uma medida desesperada de quem está sofrendo na pele a falta de planejamento e investimentos pelo poder público nessa área. Aqui em nossa comunidade temos bandas de música, grupos de samba de roda, surfistas, times de futebol desde o infantil até o adulto, etc.,..., grandes talentos que só precisam de um incentivo e estamos perdendo esses talentos que poderiam ser utilizados como exemplos para a criançada, mas por eles não serem reconhecidos os exemplos para a criançada infelizmente são outros. (MOURA, 2012, p. 14)

As referências da criançada acabam sendo sempre os mais espertos, os que se dão bem, os que lhe apresentam vantagens, até porque a lógica que caracteriza a sociedade e suas várias formas de internalizações favorecem esse tipo de pensamento. A mídia, sendo representada com grande força pela televisão, já exerce grande influência na comunidade e na região de modo geral, ela reforça padrões, impõe outros valores e, como alguns próprios moradores do Diogo afirmam: “deseducam as crianças”.

A escola parece não se preocupar muito com estas questões e nem trabalham a própria história e cultura da vila. É como se fosse uma escola nova com uma educação velha. A cultura local não é valorizada e a educação tradicional se torna a referência do modelo de ensino, o que acaba chocando diretamente quando defendemos uma perspectiva emancipatória de educação e educação ambiental, como traz Loureiro:

No âmbito formal isso significa vincular a escola às formas organizacionais de pais, funcionários, professores e comunidade; rediscutir a própria gestão escolar; repensar os conteúdos e as atividades extracurriculares a partir do cotidiano de vida, colocando a questão definida como geradora da prática educativa ambientalista em sua real complexidade. No âmbito dos projetos em comunidades, significa estimular a compreensão global da realidade em que se vive, a socialização de informação e o diálogo entre saberes, mudando condutas locais e favorecendo a organização e mobilização para processos de intervenção nas políticas públicas, de cobrança e diálogo com governos e iniciativa privada. (LOUREIRO, 2006, p. 54)

Enquanto isso, os mais velhos vão se aposentando e ficando ociosos, jogam conversa fora pelas praças e observam as transformações da comunidade de forma passiva, não compreendem ou não são valorizados ao ponto de perceberem a importância dos saberes que acumularam e estão guardando.

Diogo dá a impressão de ser uma vila, uma comunidade, que surge dentro em uma realidade escondida ou esquecida, produzindo valores coletivos, comunitários e solidários necessários para uma vivência e sobrevivência digna e saudável de acordo com seu determinado contexto. Características que se expressavam no cotidiano das pessoas, na forma como se repartia uma pesca mais farta entre a comunidade, na organização do trabalho nas casas de farinha, nos favores realizados e retribuídos das viagens de burro para fora da vila, nas plantações, na criação de animais, nas festas e etc., tudo era feito num misto de interesse e benefício individual e coletivo, para sobreviver e ajudar aos outros moradores da vila, que viviam condições semelhantes da mesma realidade, de pouca desigualdade.

“Ninguém mangava do outro porque tudo era uma condição só... Hoje em dia não, quem tem comeu, quem não tem morreu!” (Maruzinha)

Não era o caso do lugar perfeito, é claro! A comunidade passava por várias dificuldades e tinham suas necessidades e desejos naturais como seres humanos normais, porém esta “abertura para o mundo” trouxe, juntamente com a possibilidade da satisfação de alguns destes desejos, os problemas, valores e características do chamado “desenvolvimento” ou “progresso” do mundo globalizado atual, tornando mais evidente as características do modelo capitalista que quase se escondiam, entrando em contato direto com outras pessoas e modos culturais diferentes e contrastantes com o seu modo próprio de viver a sua história.

Vem mudando de um lugar quase que isolado e auto-subsistente para outro aberto ao turismo e, de certa forma, dependente dele. É uma transição ainda em processo, para alguns talvez até imperceptível, misturando sentimentos diversos como principalmente o anseio por melhores condições econômicas.

O modelo de desenvolvimento hegemônico se apresenta insustentável quando analisamos criticamente para além da cortina de fumaça provocada pelos ganhos materiais e fetiches produzidos. Todos têm o direito de gozar de condições necessárias para se buscar uma boa qualidade de vida, mas a vida é muito mais do que ter dinheiro ou emprego, envolve muitos outros aspectos que ultrapassam o lado econômico. Um verdadeiro desenvolvimento deve considerar a complexidade e totalidade da vida.

Neste processo é preciso ser questionado o modelo cultural e societário que está em curso e repensar outras estratégias de desenvolvimento, outras referências ou modelos, para que não se esmaguem culturas e modos de vida diferenciados e que podem inclusive servir de exemplos a serem analisados, desde suas relações humanas como com a natureza.

A cultura está entrelaçada diretamente ao modo societário vigente, ao tipo de relações humanas existentes, onde a mesma, seja de uma sociedade ou de um pequeno grupo, está sempre mudando. Com isso, ela oferece a perspectiva de que a compreensão atual do mundo juntamente com as tramas para “novos mundos” são possibilidades reais, que as mudanças e transformações necessárias e/ou desejadas dependem de ações e movimentações dos próprios seres humanos, dos indivíduos e coletivos que estão inseridos e envolvidos em seus respectivos agrupamentos sociais. Integram-se assim, saberes comunitários, saberes científicos e técnicos, além de interesses e sensibilidades distintas, promovendo articulações sociais dispostas a agir para a transformação da realidade.

É possível aproveitar as próprias contradições provocadas pela realidade atual para a promoção de reflexões e mudanças num sentido diferente, como aborda Milton Santos no documentário *Encontro com Milton Santos ou O Mundo Global visto do lado de cá* do cineasta Sílvio Tendler, quando ele fala sobre a importância da informação no processo em que vivenciamos hoje e que ele chama de “Globaritarismo”:

“A informação, o grande instrumento do processo de globalitarismo, de produção de novas formas totalitária de vida, mas que manejada por pequenos grupos de forma inteligente produzem exatamente o efeito oposto.” (Milton Santos)

Seria uma espécie de novo olhar sobre os fatos, sobre a cultura e sobre a realidade, mas feito e reinterpretado por atores que vem de baixo. Existem movimentos sociais, culturais e artísticos diversos surgindo e se expressando, realizando novas práticas sociais, que vem ganhando força e se articulando, mesmo com as várias dificuldades enfrentadas.

Acho que esse fenômeno vai se multiplicar, quer dizer, por enquanto há uma coerção muito grande contra essas formas que são praticamente limitadas no seu elã renovador, pela falta de recursos financeiros, pela legislação que favorece a vida dos gigantes, mas eu creio que como há uma demanda que vem de baixo e que é muito forte, é explosiva, a gente vai certamente daqui a pouco ter outra coisa. (Milton Santos)

Existe um movimento de contracultura ou cultura de resistência que segue outra lógica de organização e valores culturais, contra a lógica de dominação, onde ela está explícita em alguns momentos e implícita em outros.

Identificamos na dinâmica social da comunidade do Diogo uma possibilidade, através do trabalho realizado pelos jovens que organizam o Ponto Cultural Diogo. Eles conseguem envolver outros jovens da comunidade e se tornam referência para alguns, realizam eventos e atividades artísticas, esportivas, políticas, culturais, corporais e etc. sem a busca de fins lucrativos e interesses individualistas. Consequentemente influenciando principalmente na cultura local e corporal da comunidade.

Este grupo de jovens do Diogo consegue uma articulação com outros grupos e jovens de comunidades próximas que percebem e também sofrem os impactos e problemas da região. Estes grupos costumam se articular para produzir ações, projetos e vídeos que denunciam fatos que ocorrem na região e atuam enquanto um movimento que é social, político, cultural e corporal.

A dinâmica cultural da comunidade acontece em meio a esse turbilhão de influências, próximo de interesses e estruturas econômicas que contrastam

absurdamente com o cenário da vila e que respingam na região como um todo, trazendo benefícios e malefícios diversos para as pessoas e o meio ambiente.

As mudanças e novas possibilidades são facilmente perceptíveis na Vila do Diogo. É um lugar que convive com valores novos e antigos em efervescência, que possui ainda uma relação entre comunidade-natureza muito ligada. A beleza de Diogo parece se encontrar principalmente na simplicidade de uma comunidade integrada ao seu meio ambiente, sem qualquer tipo de esforço ou preocupação maior para que isso aconteça, é orgânico, natural e histórico, ainda!

5 - Considerações finais

A partir dos elementos problematizados e articulados entre os capítulos deste estudo, reafirmamos a necessidade e possibilidade de uma Educação Ambiental Emancipatória, que seja crítica e compreenda a complexidade histórica que envolve os seres humanos no mundo. Nesta perspectiva, a coletividade humana, a sociedade, precisa ser problematizada e não romantizada ou desconsiderada em seus aspectos sócio-históricos.

A Educação Ambiental deve ser articulada também como uma Educação Social, não se limitando a uma racionalização do como utilizar os recursos naturais de forma interesseira e irresponsável, buscando apenas amenizar os problemas ou impactos desta relação e interesses envolvidos. É necessário problematizar a forma assumida da relação homem-natureza e seus vários condicionantes, como os históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais.

Diante das problemáticas atuais, a relação sociedade-natureza se coloca enquanto foco a ser analisado, trabalhado e até repensado, pois esta é uma relação direta, de interdependência. Os seres humanos fazem parte da totalidade da natureza, influenciam e são influenciados por ela, atuam em determinados ambientes ou territórios através de formas socioculturais assumidas historicamente. Portanto, se pensarmos no sentido de humanidade e coletividade, estas formas precisam ser consideradas e transformadas para um avanço na busca da emancipação humana, envolvendo a totalidade e complexidade do ser humano, seu corpo, e da natureza.

Um avanço nesta direção implica na compreensão do movimento da história e do desenvolvimento humano em suas relações socioambientais. Dentro disso, os vários aspectos precisam ser considerados e/ou equiparados enquanto sua importância, necessidades e desejos para a vida humana e a vida de modo geral.

Contudo, as características do modelo societário vigente priorizam aspectos econômicos em comparação e detrimientos aos outros. Onde, apesar do discurso da possibilidade de um desenvolvimento sustentável, na prática as medidas acabam sempre sendo encaixadas numa racionalidade produtiva que visa à abertura de novos mercados, buscando consolidar um casamento entre a economia e a ecologia (Zhourri & Laschefski, 2010). Porém essa caracterização se torna insustentável, quando pensamos na totalidade de uma verdadeira sustentabilidade, pois não

alteram a lógica que determina os grandes problemas planetários, como a desigualdade social, a exploração humana e da natureza, etc.. A idéia de desenvolvimento acaba ficando presa a esfera econômica e, diante da realidade desigual, beneficia mais uns do que outros, além de causar prejuízos em outras esferas da vida humana e conseqüentemente alterar a relação com a natureza. Em Diogo estas características ficam bem evidentes, onde está havendo alterações de valores, relações e prioridades, seguindo a lógica econômica dominante.

A materialização da forma de organização societária interfere no modo cultural dos indivíduos. A cultura toma forma dos desejos e necessidades do presente, dos seus principais protagonistas, onde direcionam e influenciam atividades, hábitos e até fetiches. Dentro desta perspectiva os processos sociais que promovem a internalização e/ou interiorização (como a mídia, a educação, a religião e etc.) chegam a ser determinantes na aprendizagem e desenvolvimento individual e coletivo, pois constroem valores, ditam formas de comportamentos (o considerado certo e o errado, o bom e o mau), valorizam algumas atividades ou profissões e desvalorizam outras.

O chamado “desenvolvimento” ou “progresso” traz consigo benefícios materiais considerados importantes para a obtenção de certos confortos e uma integração de comunicação maior entre as regiões, pessoas, comunidades e/ou outras formas de culturas. Porém e com isso, ele também impõe padrões e valores dominantes da sua época, seguindo a lógica e características da produtividade social, alterando os tipos de relações existentes entre os seres humanos e entre o ser humano e a natureza.

Tudo isso podemos identificar de alguma forma na Vila do Diogo, pelo fato das mudanças recentes na perspectiva do desenvolvimento capitalista estar causando uma alteração cultural e conflitos ambientais territoriais, devido ao incentivo e surgimento de novas condições estruturais e grandes complexos turísticos na região.

Os conflitos ambientais territoriais surgem, então, quando esse sistema de apropriação do espaço, com suas conseqüências sociais e ambientais, choca-se com os territórios gerados por grupos cujas formas de uso dependem, em alto grau, dos ritmos de regeneração natural do meio utilizado. Com freqüência, tais formas de uso são vinculadas a uma socialização do grupo em princípios de reciprocidade e coletividade mais do que competitividade. O território é entendido como patrimônio necessário para a produção e reprodução que garante a sobrevivência da comunidade como um todo. (ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010, p. 25)

As transformações das relações humanas, culturais e ambientais estão acontecendo na região do litoral norte como um todo. As atividades principais antes desenvolvidas, o trabalho, já não são mais as mesmas, ou da mesma forma, chegando ao ponto do território assumir uma nova roupagem simbólica no que envolve o esquema de produção, reprodução e sobrevivência da comunidade. Pois onde antes seria associada à pesca, plantações, criações animais e etc., atualmente se ligam as belezas naturais e atrativos turísticos.

As atividades produtivas principais atuais, de modo geral, giram entorno do comércio e movimento turístico, estabelecendo novas relações entre trabalho e capital, e conseqüentemente no tipo de relação da comunidade com o território. Atividades que antes eram praticadas e valorizadas dentro da dinâmica sócio-produtiva da comunidade estão se desvalorizando e até deixando de existir. Existem cada vez menos pescadores, tiradores de coco, roças, casas de farinha etc..

As características capitalistas estão mais presentes e evidentes na dinâmica sociocultural e as atividades coletivas e solidárias estão menos frequentes, sendo ainda percebidas em raras situações que envolvem o cotidiano e, principalmente, na cultura corporal.

Apesar do processo de mudanças no que envolve também a cultura corporal, através dela podemos perceber outras relações e, algumas vezes, com características coletivas, como: na organização atual das festas com a ajuda de alguns moradores; atividades ligadas aos surfistas e a praia, na observação e limpeza da mesma; na organização dos “babas”; na associação das artesãs; e outros. Muitos desses exemplos envolvem características diversas, como inclusive uma competitividade no caso do futebol, mas são oportunidades de encontro e organização coletiva com possibilidades dialéticas no que envolve a realidade capitalista.

Analisando o processo de mudanças da Vila do Diogo e da região, não estamos querendo afirmar um posicionamento contrário a um desenvolvimento e melhorias nas condições de vida das pessoas e, particularmente, da comunidade do Diogo, mas sim criticando este modelo hegemônico que é, de certa forma, imposto e desconsidera novas formas de vida e cultura, ou seja, novas possibilidades de organização social, sobrevivência e convivência entre os seres humanos e com a natureza.

Concordamos inclusive com Zhouri e Laschefski (2010) quando defendem a idéia destas formas de organização e vida se tornarem referências importantes dentro de um processo necessário de análise e transformação de práticas e produção de novos conhecimentos.

Em resumo, entendemos que a luta de grupos não inseridos, ou apenas parcialmente inseridos, no sistema urbano-industrial-capitalista contra a desterritorialização está frequentemente vinculada com o questionamento do modelo de desenvolvimento hegemônico, fenômeno que conduz alguns pesquisadores latino-americanos a refletir sobre o processo de “colonialidade” do pensamento moderno (Lander, 2005; Mignolo, 2003). A análise dos conflitos ambientais territoriais apresenta-se, pois, como um grande desafio, que remete, inclusive, aos fundamentos da produção do conhecimento na academia contemporaneamente. (ZHOURI & LASCHEFSKI, 2010, p. 26)

Desta forma, reafirmamos a necessidade do estabelecimento de uma nova forma de relação homem-natureza ou sociedade-natureza, e do diálogo entre o saber científico e o saber popular, sem uma supremacia preconceituosa, considerando outros sujeitos que podem contribuir no processo formativo de uma humanidade melhor, para uma sociedade mais humana e mais democrática.

Deve ser repensado o modelo atual de desenvolvimento, onde considere as várias formas de culturas, respeitando os saberes locais e utilizando seus aspectos e características como novas propostas a serem estudadas ou até seguidas como modelo. É necessário acabar com o processo de “colonização” até hoje presente e que impõe sua forma de viver, de se relacionar com os outros e com a natureza, desvalorizando outras possibilidades de valores, cultura e vida.

A cultura aparece como um aspecto importante no processo de mudanças, pois se entendermos que os códigos culturais que compõem a nossa sociedade são como as regras de um jogo (o jogo da vida) que nos ajudam a criar vínculos sociais e unir esforços para a transformação daquilo que nos incomoda, poderemos perceber o potencial da cultura na nossa vida. Dentro do movimento mais geral da história da humanidade, temos a possibilidade de perceber que o modo como os seres humanos organizam a vida social, ou o modo como nós produzimos os meios de sobrevivência e convivência interfere e influencia no modo cultural mais geral em que vivemos.

E assim, diante da imposição sociocultural ou “globalitarismo” e apesar das dificuldades surgem às reações, a esperança, a possibilidade de transformação em nova roupagem, onde identificamos essa possibilidade na forma de relação íntima e

particular da comunidade com seu território e, por exemplo, no trabalho do Ponto Cultural Diogo. Por ser um trabalho que atua dentro da área da cultura, cultura corporal e artes ele promove alterações e novas reflexões aos participantes, desenvolvem um pensamento crítico no que envolve a relação do ser humano com a natureza e se articulam com outros grupos e pessoas de comunidades próximas que enfrentam situações e problemas parecidos.

Aparentemente não trabalham em cima de uma proposta necessariamente revolucionária, mas se tornam uma possibilidade dialética de contribuição num processo histórico para uma revolução ou reação ao processo de dominação, onde este movimento surge de baixo, da própria comunidade e carrega também suas características, sua “cara”, sua cultura. Essa cultura que resiste a acomodação e propõe uma nova relação com o ambiente, porém deveria estar articulada com uma educação voltada para outros valores e características, emancipatória.

A cultura de resistência aparece como esse contraponto, essa possibilidade de mudança ou como uma nova alternativa aos inconformados com a realidade. Dessa forma, aliada a uma educação emancipatória e de formação humana cria-se um ambiente favorável para mudanças. Sabemos que uma mudança estrutural ou societária não se dá do dia para noite, acontece dentro de um período histórico que pode já está acontecendo ou não.

Todos têm o direito de ter uma vida digna, plena, com acesso a benefícios e etc., mas também precisamos questionar os valores, as relações estabelecidas entre os seres humanos e com a natureza. Até porque nas cidades que atingiram um certo grau de “desenvolvimento”, acesso a benefícios e confortos, costumam evidenciar problemas graves nas relações socioambientais.

Portanto, sob a análise de uma perspectiva de Educação Ambiental Emancipatória, verificamos alterações profundas no modo de vida da comunidade do Diogo enquanto consequência do processo de “desenvolvimento” e transformações recentes com características hegemônicas capitalistas. Mudanças essas que vem influenciando as diversas dimensões socioculturais e ambientais da vila, mas que convive ainda com antigos valores e costumes que se fazem presentes e outras possibilidades renovadoras de uma comunidade que reage, se diferencia e se manifesta, principalmente através das artes e da sua cultura corporal.

6 - Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005;

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 3ª edição, 2008;

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **PROJOVEM Adolescente: caderno do orientador social – ciclo I – Percurso socioeducativo I “Criação do Coletivo”**. Brasília, 2008;

BRITO, Diego Assis de. **Esporte e Meio Ambiente: análise temática a partir das contribuições de Lamartine Pereira da Costa**. UFBA – Curso de Especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer, 2008;

BROHM, Jean-Marie. **“Depois de mim, o dilúvio!” Imagens da morte e da negação do corpo em Marx**. In: NÓVOA, Jorge (Org.). **Incontornável Marx**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora UNESP, 2007;

CARDOSO, Roberta de Carvalho. **Dimensões sociais do turismo sustentável: estudo sobre a contribuição dos resorts de praia para o desenvolvimento de comunidades locais**. São Paulo – Tese (Doutorado) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2005;

CARVALHO, Marcos de. **O que é natureza**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003 (Coleção Primeiros Passos);

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994;

CHAVES, Telma. & DIAS, Wânia. **Memórias de um vilarejo: economia, cultura e educação em Diogo**. Faculdade de Tecnologia e Ciências – TCC do curso de Jornalismo, 2005;

COGGIOLA, Osvaldo. **Capitalismo, ciência e marxismo**. In: SILVA, Michel Goulart da (Org.). **Marxismo e natureza: ecologia, história e política**. Pará de Minas, MG: Editora VirtualBooks, 2010;

_____. **Ecologia e Marxismo**. Motrivivência, ano XVI, nº22, Junho/2004;

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992;

DOMINGUES, Soraya Corrêa. **Cultura Corporal e Meio Ambiente: na formação de professores**. Salvador – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação, 2005;

ENGELS, Friedrich. **A Dialética da natureza**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979;

_____. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 4ª ed. São Paulo: Global Editora, 1990;

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986;

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A categoria da atividade e suas implicações no desenvolvimento humano**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte 13 (2), Jan./1992;

LÉONTIEV, Aléxis. **O homem e a cultura: Desporto e desenvolvimento humano**. Lisboa: Seara Nova, 1977;

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e fundamentos da educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006;

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976;

KUENZER, Acácia Zeneida. **Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola**. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998;

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997;

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1983;

_____. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I - Cap. V – 23ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006;

MARX, Karl. & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Moraes, 1984;

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005;

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010;

MOURA, Jocimar. **Carta do Leitor**. Revista do Litoral Norte da Bahia – Revista Praia. N 06, 2012;

NÓVOA, Jorge (Org.). **Incontornável Marx**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Editora UNESP, 2007;

PARÍS, Carlos. **O animal cultural: biologia e cultura na realidade humana**. São Carlos: Editora UFSCar, 2002;

SACCONI, Luiz Antonio. **Dicionário essencial da língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2001;

PAULA SILVA, Maria Cecília de. **Da educação física, moral e intelectual a um corpo idealizado: desvelando o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF. 2002.

_____. **Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da educação brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2009;

SILVA, Michel Goulart da (Org.). **Marxismo e natureza: ecologia, história e política**. Pará de Minas, MG: Editora VirtualBooks, 2010;

TEIXEIRA, David Romão. **Cultura Corporal e Território: complexo temático para a formação de professores de educação física**. UFBA - Curso de Especialização do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer, 2006;

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004;

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987;

ZHOURI, Andréa. & LASCHEFSKI, Klemens (Org.). **Desenvolvimento e Conflitos Ambientais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Sites e vídeos visitados:

<http://www.matadesaojoao.ba.gov.br/>

http://www.youtube.com/watch?v=rY0SIxTR_Zg

<http://www.youtube.com/watch?v=HITLN24IUrE>

<http://www.youtube.com/watch?v=Nx0QdDjR4cE>

http://www.youtube.com/watch?v=tiSIBvl_irl

<http://www.youtube.com/watch?v=O5SAIXfg5E4>

<http://www.youtube.com/watch?v=oJs1dNorz0s>

<http://www.youtube.com/watch?v=v5m93WLPj6Q>

<http://www.youtube.com/watch?v=RypX1fD1ee4>

<http://www.youtube.com/watch?v=j-dQJgvLK2E>

<http://www.youtube.com/watch?v=DOtafbvFqUA>

<http://www.youtube.com/watch?v=1sW7EblpGrw>

<http://www.youtube.com/watch?v=bjACGeNS9AQ>

<http://www.youtube.com/watch?v=xC1tN8AJM-s>

<http://www.youtube.com/watch?v=kirzJ7mrCys>

Encontro com Milton ou O Mundo Global Visto do Lado de Cá – Silvio Tendler